



Cedro (Cedrelo Fissilis)



Cartilha da Biodiversidade do Centro Municipal de Estudos Ambientais de Sapiiranga



PETROBRAS

Créditos

Coordenação

Cátia Beatriz Appolo - CEMEAM/SMED
Fabiana Haubert - CEMEAM/SMED

Equipe Técnica

Aline Steffens - CEMEAM/graduanda - UNISINOS
Antoninho Alves Portilho - CEMEAM - Biólogo especialista
Cátia Beatriz Appolo - CEMEAM - Biólogo especialista
Fabiana Haubert - CEMEAM - Mestre Biologia
Guilherme Taboada Conrado - Bolsista VerdeSinos
Luciano da Silva Haack - CEMEAM/ graduando - FEEVALE

Agradecimentos

Andréa Diana Oberherr - DMA - Bióloga
Cláudio Kreuning de Ávila - DMA - Biólogo
Funcionários (as) CEMEAM
Gisele Barbosa - SMED
Ismael Franz - FEEVALE
Moisés Teixeira Peixoto - graduando biologia - UNISINOS

Crédito de Imagens

Aline Steffens
Andréa Diana Oberherr
Antoninho Alves Portilho
Cláudio Kreuning de Ávila
Guilherme Taboada Conrado
Luciano da Silva Haack
Moisés Teixeira Peixoto

Correção Ortográfica:

Gisele Barbosa - SMED

Unidade Âncora:

Centro Municipal de
Estudos Ambientais de Sapiranga (CEMEAM)
Rua São Jacó, 2741, Bairro Ferrabraz
Sapiranga/RS CEP: 93800-000
Fones: (51) 97075064 ou 39591007

Patrocínio:

Petrobras, através do Programa Petrobras
Socioambiental

Execução:

Comitesinos / Unisinos / Fundepe

Apoio:

Prefeitura de Sapiranga
Secretaria de Educação /Emater

Diagramação:

Anschau Propaganda

Edição: 2015

Tiragem: 1.000 exemplares





Índice

• Apresentação.....	Pág.04
• Caracterização CEMEAM.....	Pág.05
• Mapas (bacia, município e centro ambiental).....	Pág.06
• Árvores e Arbustos.....	Pág.08
• Anfíbios.....	Pág.18
• Aves.....	Pág.22
• Mamíferos.....	Pág.34
• Peixes.....	Pág.36
• Répteis.....	Pág.38
• Glossário.....	Pág.42
• Bibliografia.....	Pág.44
• Legislação.....	Pág.46
• Considerações finais.....	Pág.47





Apresentação

No âmbito do Projeto VerdeSinos, patrocinado pela Petrobras através do Programa Petrobras Socioambiental, atividades e produtos como o ora executado estabelecem a base de sustentação da atuação em Rede entre os Centros Ambientais instalados na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos, propiciando uma intensa colaboração entre os diferentes parceiros, em prol da melhoria da qualidade e quantidade das águas da região.

Nesta linha, a presente cartilha de caracterização da biodiversidade de fauna e flora traz informações acerca das espécies animais e vegetais observadas dentro dos limites da área do Centro Municipal de Estudos Ambientais de Sapiranga - CEMEAM, em ambientes aéreos, aquáticos e terrestres. Nela, são apresentadas fotos e informações de um total de 104 espécies pertencentes a 66 famílias distribuídas entre árvores nativas, anfíbios, aves, mamíferos, peixes e répteis.

A partir do patrocínio da Petrobras através do Programa Petrobras Socioambiental, o Projeto VerdeSinos valoriza e apoia trabalhos como este porque resultantes do envolvimento social em cursos promovidos pela entidade, resultando na geração participativa das informações aqui apresentadas. A metodologia aplicada dentro dos propósitos de envolver e comprometer o público-alvo na promoção da educação ambiental visando a produção deste material didático somente teve êxito porque alinhado aos propósitos de crescente conservação ambiental.

Na esfera municipal, a inclusão no Projeto VerdeSinos e a execução de ferramentas de apoio como a desta cartilha proporcionaram avanço considerável na gestão de recursos hídricos e no desenvolvimento da educação ambiental, por propiciarem a experimentação de estruturação, planejamento e registro de ações, o que potencializou e ampliou as possibilidades de atuação efetiva da instituição no desenvolvimento socioambiental.

Através da distribuição e uso desses dados, pretende-se enriquecer o conhecimento restrito que se tem atualmente e, dessa forma, estimular o respeito pela vida animal e vegetal, bem como a preservação e a importância de um ambiente equilibrado para a sobrevivência humana.

Com impulso proporcionado pelo patrocínio da Petrobras (Programa Petrobras Socioambiental), as atividades coletivas coordenadas pelo COMITESINOS superam o tempo cronológico de execução dessa etapa do Projeto e promovem um enraizamento de iniciativas permanentes para que a continuidade dessas ações não seja freada e sua amplitude alcance progressivamente o maior número de representantes das comunidades locais.

Caracterização do Centro Municipal de Estudos Ambientais

O Município de Sapiranga mantém um Centro Municipal de Estudos Ambientais construído exclusivamente para atividades voltadas à educação ambiental e estratégias sustentáveis. Está situado na rua São Jacó, nº 2741, Bairro Ferrabraz. Ocupa uma área de 96.234,5 m², sendo um local entrecortado por arroios e ponteados por nascentes, que por sua vez, formam banhados e córregos. É um órgão que pertence a Prefeitura Municipal de Sapiranga, sendo subsidiado pela Secretaria Municipal de Educação.

Fundado em 2004, atende alunos da rede de ensino municipal, estadual e particular de Sapiranga, bem como alunos de cidades vizinhas e a comunidade em geral, mediante visitas agendadas, incluindo trilhas ecológicas, oficinas, palestras e projetos. Sua missão é promover a educação ambiental, através do ensino prático de ações e atitudes ambientalmente sustentáveis, para formar cidadãos responsáveis, que respeitam o ambiente. Tem como valores, o respeito a todas as formas de vida, a ética socioambiental, a sustentabilidade, a participação da comunidade e o desenvolvimento científico.

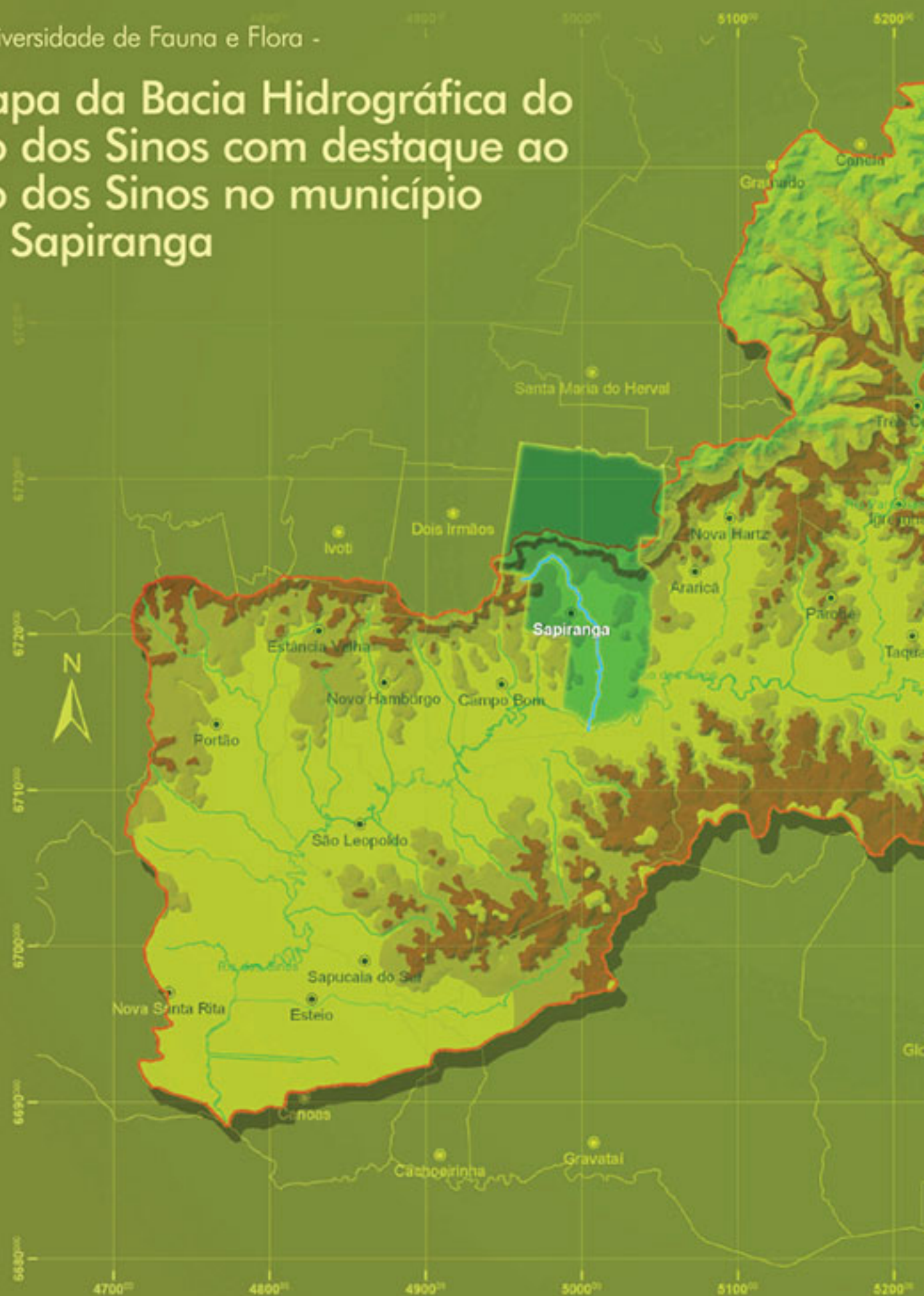
A estrutura da instituição é composta por: escola ambiental (duas salas de aula, secretaria e banheiros), sala para secagem de chás, sala de ferramentas, depósito de produtos recicláveis, matrizeiro de plantas, canteiros de plantas condimentares, mandala das plantas medicinais e de hortaliças, pomar, trilha ecológica com aproximadamente 1 Km de extensão, duas estufas plásticas totalizando 600 m², um viveiro de plantas medicinais, um viveiro somente de árvores nativas e outro com espécies exóticas, estação experimental de compostagem, dois lagos artificiais, estação de tratamento de esgoto por zona de raízes, cisternas para coleta de água da chuva, minhocário e composteira, tartarugário, viveiro de galiformes, dois viveiros de fauna silvestre, agroindústria, aprisco e relógio do corpo humano.

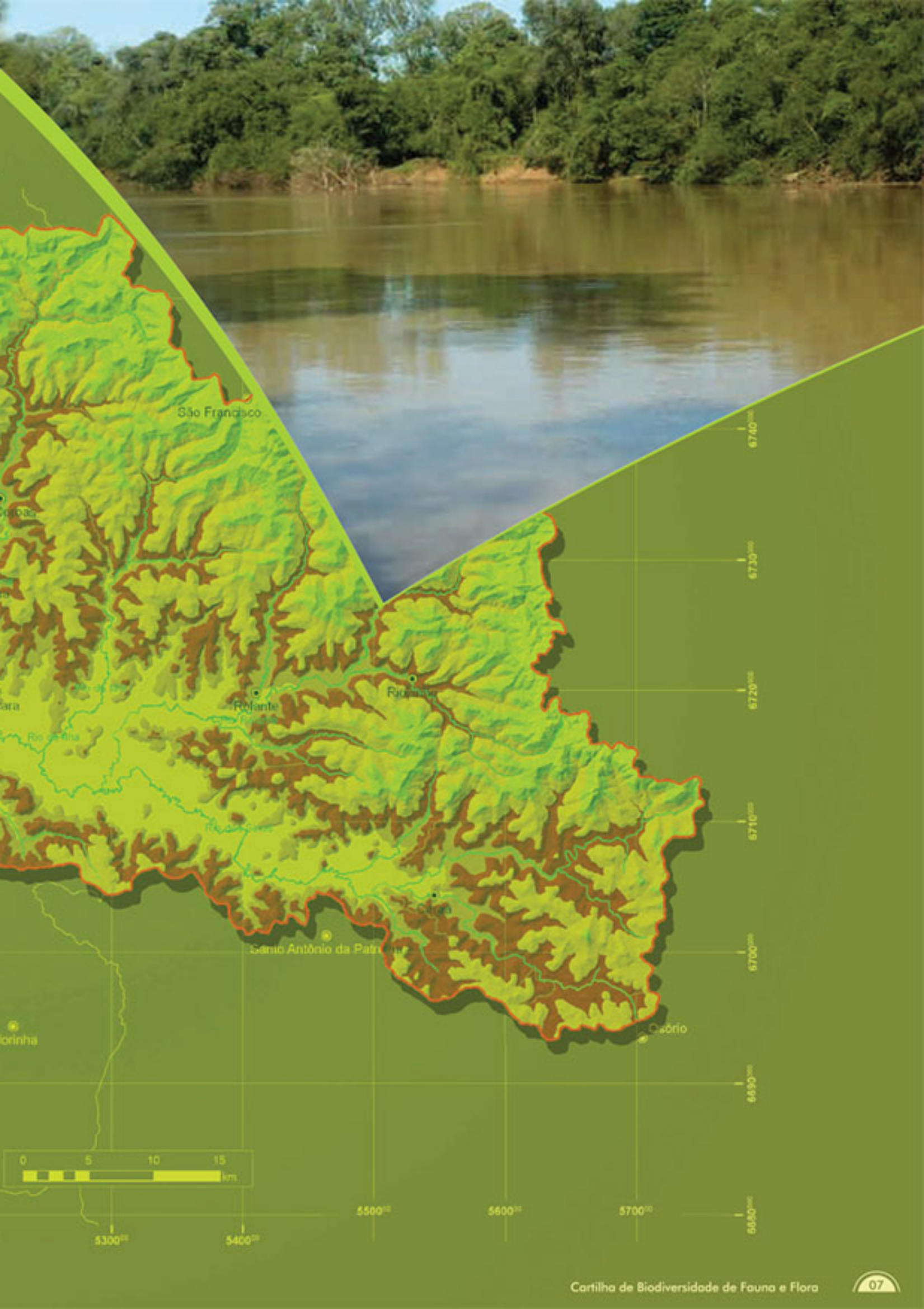
O espaço estabelece parcerias temporárias com universidades no acolhimento a estagiários, realiza encontros de aperfeiçoamento relacionados à Educação Ambiental e sedia cursos para adultos nas áreas de culinária, artesanato e agricultura. A representação do CEMEAM perante a sociedade estende-se para além da sua área física, através da participação em eventos municipais e regionais. O Centro Ambiental integra a rede regional "Parceiros na Qualidade de Vida", referência na educação ambiental e mobilização social na Bacia Sinos. Também desenvolve ações, no âmbito do Programa Permanente de Educação Ambiental no Projeto Dourado, sob coordenação do Comitesinos. A instituição está inserida no Projeto VerdeSinos, com uma linha de atuação na gestão de corpos hídricos superficiais e subterrâneos, que tem como objetivos promover a mobilização e participação social e conservar e recuperar nascentes e encostas da Bacia Sinos.

Neste contexto, o levantamento da fauna e flora realizado na área do CEMEAM, justifica-se por ser este um local de conservação e preservação da vegetação nativa e dos recursos hídricos, abrigando espécies importantes para a manutenção dos ecossistemas. Através do monitoramento constante dos organismos existentes no espaço e da distribuição dessa cartilha, espera-se que a comunidade local possa compreender e resgatar a importância da biodiversidade e do convívio com a natureza, buscando a conservação ecológica.

Biodiversidade de Fauna e Flora -

Mapa da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos com destaque ao Rio dos Sinos no município de Saporanga





São Francisco

Rolante

Rolante

São Antônio da Patrulha

Cabrio



5300

5400

5500

5600

5700

6690

6700

6710

6720

6730

6740

Árvores e Arbustos



As matas melhoram a qualidade do ar, oferecem abrigo à fauna, amenizam o clima, reduzem os impactos das chuvas sobre os solos, preservam a qualidade das águas, mantêm as margens dos recursos hídricos, são fonte de alimento para a fauna, abrigam polinizadores, além de muitos outros benefícios ambientais. Por outro lado, a exploração econômica, o desmatamento, a urbanização e a crescente silvicultura de espécies exóticas em áreas de preservação têm sido atividades ameaçadoras dos ecossistemas nativos.

A flora do Centro Municipal de Estudos Ambientais de Sapiranga é de significativa importância na representatividade da vegetação do município. O fato do CEMEAM estar situado na região fitoecológica de Floresta Estacional Semidecidual e possuir uma área de floresta nativa secundária em processo de recuperação e conservação, associada à proteção dos recursos hídricos e do solo local, permite a existência de uma variedade de espécies vegetais relevantes à manutenção de ecossistemas e aos estudos científicos.

Com o objetivo de valorizar e popularizar o conhecimento sobre a composição florística do CEMEAM, foram identificadas 80 espécies pertencentes a 35 famílias, que cresceram naturalmente ou foram plantadas.

Esta cartilha dá ênfase a 36 espécies arbóreas que foram destacadas em fotos e pertencem a 24 famílias, apresentando informações acerca da ocorrência, épocas de floração e frutificação, usos, ecologia e curiosidades: Açoita-cavalo (*Luehea divaricata*), Araçá (*Psidium cattleianum*), Araucária (*Araucaria angustifolia*), Aroeira-brava (*Lithraea brasiliensis*), Aroeira-mansa (*Schinus terebinthifolius*), Branquilha (*Sebastiania commersoniana*), Calíandra (*Calliandra brevipes*), Cambará (*Lantana camara*), Canela-ferrugem (*Nectandra oppositifolia*), Canjerana (*Cabralea canjerana*), Capororocão (*Myrsine umbellata*), Carqueja-doce (*Baccharis articulata*), Cedro (*Cedrela fissilis*), Chá-de-bugre (*Casearia sylvestris*), Chal-chal (*Allophylus edulis*), Cipó-de-são-joão (*Pyrostegia venusta*), Cocão (*Erythroxylum argentinum*), Corticeira-do-banhado (*Erythrina crista-galli*), Embaúba (*Cecropia glaziovii*), Erva-mate (*Ilex paraguariensis*), Erva-moura (*Solanum americanum*), Figueira-mata-pau (*Ficus adhatodifolia*), Guabiroba (*Campomanesia xanthocarpa*), Guajuvira (*Cordia americana*), Ipê-amarelo (*Handroanthus chrysotrichus*), Ipê-roxo (*Handroanthus heptaphyllus*), Jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), Joá-de-árvore (*Solanum pseudoquina*), Mamica-de-cadela (*Zanthoxylum rhoifolium*), Maricá (*Mimosa bimucronata*), Pau-leiteiro (*Sapium glandulosum*), Pitangueira (*Eugenia uniflora*), Pixirica (*Miconia cinerascens*), Sangue-de-dragão (*Croton urucurana*), Urucum (*Bixa orellana*) e Vassoura-vermelha (*Dodonea viscosa*).

Família	Nome Científico	Nome Popular
Anacardiaceae	<i>Lithraea molleoides</i>	Aroeira-branca
	<i>Lithraea brasiliensis</i>	Aroeira-brava
	<i>Schinus terebinthifolius</i>	Aroeira-mansa
Annonaceae	<i>Rollinia sylvatica</i>	Araticum
Araliaceae	<i>Schefflera morototoni</i>	Caixeta
Araucariaceae	<i>Araucaria angustifolia</i>	Araucária
Arecaceae	<i>Bactris setosa</i>	Tucum
	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Jerivá
Asteraceae	<i>Baccharis articulata</i>	Carqueja-doce
	<i>Dasyphyllum tomentosum</i>	Sucará

Família	Nome Científico	Nome Popular
Aquifoliaceae	<i>Ilex brevicuspis</i>	Caúna
	<i>Ilex paraguariensis</i>	Erva-mate
Bignoniaceae	<i>Handroanthus chrysotrichus</i>	Ipê-amarelo
	<i>Handroanthus heptaphyllus</i>	Ipê-roxo
	<i>Jacaranda micrantha</i>	Caroba
	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	Jacarandá
	<i>Pyrostegia venusta</i>	Cipó-de-são-jóão
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i>	Urucum
Bombacaceae	<i>Bombacopsis glabra</i>	Amendoim-de-árvore
Boraginaceae	<i>Auxemma oncocalyx</i>	Louro-branco
	<i>Cordia americana</i>	Guajuvira
Bromeliaceae	<i>Bromelia antiacantha</i>	Banana-do-mato
Caricaceae	<i>Vasconcellea quercifolia</i>	Mamoeiro-do-mato
Clusiaceae	<i>Garcinia gardneriana</i>	Bacopari
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum argentinum</i>	Cocão
Euphorbiaceae	<i>Croton urucurana</i>	Sangue-de-dragão
	<i>Gymnanthes concolor</i>	Laranjeira-do-mato
	<i>Sapium glandulosum</i>	Pau-leiteiro
	<i>Sebastiania commersoniana</i>	Branquilha
Fabaceae	<i>Caesalpinia echinata</i>	Pau-brasil
	<i>Mimosa bimucronata</i>	Maricá
	<i>Erythrina crista-galli</i>	Corticeira-do-banhado
	<i>Erythrina falcata</i>	Corticeira-da-serra
	<i>Calliandra brevipes</i>	Calliandra
	<i>Myrocarpus frondosus</i>	Cabreúva
	<i>Parapiptadenia rigida</i>	Angico
Lamiaceae	<i>Aegiphila integrifolia</i>	Tamanqueiro
	<i>Vitex megapotamica</i>	Tarumá
Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i>	Canela
	<i>Nectandra oppositifolia</i>	Canela-ferrugem
	<i>Ocotea pulchella</i>	Canela-lageana
	<i>Alouea saligna</i>	Canela-vermelha
Malvaceae	<i>Luehea divaricata</i>	Açoita-cavalo
	<i>Ceiba speciosa</i>	Paineira
Melastomataceae	<i>Miconia pusilliflora</i>	Pixirica
	<i>Miconia cinerascens</i>	Pixirica
Meliaceae	<i>Cabralea canjerana</i>	Canjerana
	<i>Cedrela fissilis</i>	Cedro
	<i>Melia azedarach</i>	Cinamomo
	<i>Azadirachta indica</i>	Niim
Moraceae	<i>Ficus adhatodifolia</i>	Figueira-mata-pau
	<i>Sorocea bonplandii</i>	Cincho
Myrtaceae	<i>Psidium cattleianum</i>	Araçá
	<i>Myrcia multiflora</i>	Camboim

Familia	Nome Científico	Nome Popular
Myrtaceae	<i>Myrciaria plinioides</i>	Caúna
	<i>Eugenia involucrata</i>	Cerejeira
	<i>Eucalyptus sp.</i>	Eucalipto
	<i>Psidium guajava</i>	Goiabeira
	<i>Eugenia verticillata</i>	Guamirim
	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	Guabiroba
	<i>Eugenia uniflora</i>	Pitangueira
	<i>Myrcia glabra</i>	Ubá
	<i>Eugenia pyriformis</i>	Uvaia
	Nyctaginaceae	<i>Guapira opposita</i>
Picramniaceae	<i>Picramnia parviflora</i>	Pau-amargo
Pinaceae	<i>Pinus elliottii</i>	Pinos
Primulaceae	<i>Myrsine coriacea</i>	Capororoca
	<i>Myrsine umbellata</i>	Capororocão
Rubiaceae	<i>Randia ferox</i>	Limoeiro-do-mato
	<i>Faramea montevidensis</i>	Café-do-mato
Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i>	Mamica-de-cadela
	<i>Esenbeckia grandiflora</i>	Guaxupita
Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i>	Chá-de-bugre
Sapindaceae	<i>Matayba elaeagnoides</i>	Camboatá-branco
	<i>Allophylus edulis</i>	Chal-chal
	<i>Dodonea viscosa</i>	Vassoura-vermelha
Solanaceae	<i>Solanum americanum</i>	Erva-moura
	<i>Solanum pseudoquina</i>	Joá-de-árvore
Urticaceae	<i>Cecropia glaziovii</i>	Embaúba
Verbenaceae	<i>Lantana camara</i>	Cambará

AÇOITA-CAVALO



Nome científico: *Luehea divaricata* **Familia:** Malvaceae

O açoita-cavalo é uma árvore nativa que pode atingir de 6 a 12 metros de altura. Floresce durante os meses de janeiro a março e os frutos amadurecem de maio a julho, no Rio Grande do Sul. A dispersão das sementes é feita pelo vento. É ornamental e indicado para arborização. Recomendado para recuperação de vegetação em áreas degradadas e ótimo para estabilizar margens de arroio. A madeira é usada na confecção de móveis vergados e peças curvadas. Da casca podem ser feitas cordas rústicas.

Saiba mais: o nome popular açoita-cavalo deve-se a flexibilidade dos galhos e o seu uso como chicote para animais.

Foto: Andréa Diana Oberherr

ARAÇÁ



Nome científico: *Psidium cattleianum* **Familia:** Myrtaceae

O araçá é uma árvore nativa e endêmica do Brasil que pode atingir de 3 a 6 metros de altura. As flores são amareladas e pequenas e florescem de junho a dezembro. A frutificação ocorre de setembro a março. Os frutos são de cor amarela e comestíveis, muito procurados por pássaros. Sua madeira é usada para fazer cabos de ferramentas. Indicado para recompor áreas degradadas.

Saiba mais: os frutos apresentam de quatro a sete vezes mais vitamina C do que as frutas cítricas. Apresenta alto potencial para uso na agroindústria de geleias para incentivo de produção de frutas nativas.

Foto: Andréa Diana Oberherr

ARAUCÁRIA



Nome científico: *Araucaria angustifolia* **Família:** Araucariaceae

A araucária é uma árvore nativa do Brasil que pode atingir até 50 metros de altura. É característica da região serrana, sendo muito cultivada para produção de pinhão, madeira e pasta celulósica. Tem características ornamentais e é muito procurada pela fauna para o consumo das sementes (pinhão). Historicamente foram dizimadas florestas de araucárias para o uso da madeira, o que levou a espécie a ser ameaçada de extinção. Atualmente é protegida por lei.

Saiba mais: é uma planta dioica, existindo o pinheiro macho e o pinheiro fêmea. A galha azul alimenta-se da semente da araucária. Nesse processo, algumas sementes são enterradas pela ave e dão origem a novas plantas. Uma árvore adulta pode levar de 10 a 20 anos para começar a produzir pinhas e dará origem a mais ou menos 40 pinhas por ano, ao longo de seus mais de 200 anos de vida.

Foto: Luciano da Silva Haack

AROEIRA-BRAVA



Nome científico: *Litreaea brasiliensis* **Família:** Anacardiaceae

A aroeira-brava é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 6 a 12 metros de altura. Floresce de agosto a setembro, sendo suas flores melíferas. Os frutos amadurecem de novembro a março e são usados para produzir óleo essencial. A madeira é utilizada na construção civil.

Saiba mais: existem pessoas que são alérgicas à aroeira-brava e, segundo a crença popular, cada vez que se passa por ela, é preciso cumprimentá-la dando bom dia ou boa tarde.

Foto: Andréa Diana Oberherr

AROEIRA-MANSA



Nome científico: *Schinus terebinthifolius* **Família:** Anacardiaceae

A aroeira-mansa é uma árvore nativa do Brasil que pode atingir de 5 a 10 metros de altura. Suas flores são melíferas, pequenas e amareladas, aparecendo de agosto a novembro. Os frutos amadurecem de janeiro a julho. É adequada para arborização de passeios, residências e praças, por oferecer uma sombra maravilhosa e atrair as aves.

Saiba mais: os frutos, de cor vermelha, são conhecidos como pimenta rosa, usados como condimento e muito apreciados pelos pássaros.

Foto: Andréa Diana Oberherr

BRANQUILHO



Nome científico: *Sebastiania commersoniana* **Família:** Euphorbiaceae

O branquilha é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 5 a 12 metros de altura. Suas flores são melíferas, florescendo normalmente de outubro a maio. Os frutos amadurecem de janeiro a junho. Ocorre em margens de rios e lagoas de todo o estado. É indicado para reflorestamentos e recuperação de áreas degradadas, principalmente em solos úmidos e brejosos. Pode ser usado como ornamental, por ter uma folhagem de coloração azulada. A madeira é moderadamente pesada.

Saiba mais: é espinhento, porém, não são espinhos verdadeiros e sim, uma adaptação dos galhos "fingindo" ser espinhos para evitar a predação de animais.

Foto: Andréa Diana Oberherr

CALIANDRA



Nome científico: *Calliandra brevipes* **Família:** Fabaceae

A caliandra é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 1 a 3 metros de altura. Suas flores são felpudas e de diferentes cores, variando de acordo com a espécie (vermelhas, rosas e brancas). Atrai beija-flores e embeleza jardins. Floresce na primavera e no verão. Indicada para margens de rios, arroios e açudes. Pioneira, indiferente às condições físicas do solo e tolerante às geadas. É comum na vegetação ribeirinha dos planaltos, ocorrendo muitas vezes em fendas de afloramentos e lajes rochosas dos rios ou sobre depósitos aluviais arenosos. Sente rapidamente a falta de água. É ornamental e aceita podas.

Saiba mais: para garantir a dispersão, explode suas vagens atirando as sementes longe.

Foto: Guilherme Taboada Conrado

CAMBARÁ



Nome científico: *Lantana camara* **Família:** Verbenaceae

O camarará é um arbusto nativo do Brasil cujo tamanho varia entre 0,40 e 1,20 metros de altura. Infesta pastagens e terrenos baldios, porém, é utilizado para fins ornamentais pela beleza das suas flores, que apresentam tons de amarelo, laranja e vermelho.

Saiba mais: é considerado tóxico aos animais bovinos.

Foto: Andréa Diana Oberherr

CANELA-FERRUGEM



Nome científico: *Nectandra oppositifolia* **Família:** Lauraceae

A canela-ferrugem é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 15 a 20 metros de altura. As flores são brancas, florescendo de janeiro a março. A frutificação ocorre de junho a agosto, sendo os frutos apreciados pela fauna. Animais como aves, macacos e roedores dispersam suas sementes. Sua madeira é leve. Indicada para arborização.

Saiba mais: o nome de ferrugem se deve a coloração de suas folhas que aparentam estar enferrujadas.

Foto: Antoninho Alves Portilho

CANJERANA



Nome científico: *Cabralea canjerana* **Família:** Meliaceae

A canjerana é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 20 a 30 metros de altura. A floração e frutificação ocorrem em diferentes épocas do ano, sendo a maior floração em setembro e outubro, enquanto que a maior frutificação é de agosto a novembro. Sua madeira tem a cor avermelhada e é considerada muito valiosa para a construção civil, por ser resistente à umidade e ao ataque de pragas. Várias espécies de pássaros e algumas de mamíferos apreciam suas sementes, portanto, é indicada para áreas de reflorestamentos e áreas de preservação. Utilizada também nas matas ciliares, pois é resistente à inundações sazonais.

Saiba mais: raramente é encontrada em terrenos secos, pois prefere solos úmidos e argilosos.

Foto: Andréa Diana Oberherr

CAPOROROCÃO



Nome científico: *Myrsine umbellata* **Família:** Primulaceae

O capororocão é uma árvore nativa não endêmica do Brasil que pode atingir de 5 a 15 metros de altura. A floração e a frutificação ocorrem duas vezes por ano em épocas distintas. Sua madeira é pesada e pouco durável. Recomendado para paisagismo e reflorestamento.

Saiba mais: os sabiás e os jacus adoram seus frutos. Sua casca já foi usada pela indústria de calçado para curtir o couro. Em guarani o nome significa "madeira que estala".

Foto: Andréa Diana Oberherr

CARQUEJA-DOCE



Nome científico: *Baccharis articulata* **Família:** Asteraceae

A carqueja-doce é uma planta nativa do Sul e Sudeste do Brasil. Suas flores são de cor esbranquiçada. É um pequeno arbusto que prefere regiões de campos de altitude.

Saiba mais: possui propriedades medicinais comprovadas, atuando sobre o sistema digestório e sobre as taxas de glicemia.

Foto: Andréa Diana Oberherr

CEDRO



Nome científico: *Cedrela fissilis* **Família:** Meliaceae

O cedro é a árvore símbolo do CEMEAM, sendo nativa do Rio Grande do Sul. Pode atingir de 20 a 35 metros de altura. A floração ocorre em agosto e setembro. A frutificação em julho e agosto, quando a árvore perde todas as suas folhas devido ao frio do inverno. A madeira é adequada para marcenaria e o porte desta espécie é ideal para o paisagismo. Indicado para reflorestamentos e preservação de áreas degradadas. Exige o cuidado de não ser plantado em fileiras ou grupos, pois isso favorece o ataque das brocas, que adoecem a árvore.

Saiba mais: na crença popular, a pessoa que cortar um cedro, perderá a alegria de viver.

Foto: Andréa Diana Oberherr

CHÁ-DE-BUGRE



Nome científico: *Casearia sylvestris* **Família:** Salicaceae

O chá-de-bugre é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 4 a 6 metros de altura. Floresce de junho a agosto e frutifica de setembro a novembro, sendo seus frutos muito apreciados pelos pássaros. A madeira é apropriada para marcenaria.

Saiba mais: suas folhas e flores têm propriedades medicinais.

Foto: Andréa Diana Oberherr

CHAL-CHAL



Nome científico: *Allophylus edulis* **Família:** Sapindaceae

O chal-chal é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 6 a 10 metros de altura. A floração e a frutificação ocorrem geralmente nas estações da primavera e verão. As flores são melíferas e os frutos vermelhos. Sua madeira é leve e resistente. Indicado para arborização de ruas e praças, tanto pela sua bela sombra, quanto pelo fato de atrair pássaros.

Saiba mais: em outras regiões do país também é conhecido como boga-de-morcego e fruta-de-pombo, pois é apreciado por esses animais.

Foto: Andréa Diana Oberherr

CIPÓ-DE-SÃO-JOÃO



Nome científico: *Pyrostegia venusta* **Família:** Bignoniaceae

O cipó-de-são-joão é uma trepadeira nativa do Brasil que alcança de 2 a 4 metros de altura. É comum em pastagens, cercas, terrenos baldios, cafezais e pomares. Utilizado como ornamental, enfeita muros, cercas, pilares e caramanchões.

Saiba mais: é usado na medicina popular.

Foto: Andréa Diana Oberherr

COCÃO



Nome científico: *Erythroxylum argentinum* **Família:** Erythroxylaceae

O cocão é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 4 a 8 metros de altura. Floresce entre agosto e outubro. O amadurecimento dos frutos ocorre entre outubro e janeiro, sendo esses apreciados por algumas espécies de pássaros. Sua madeira é leve. Indicado para arborização urbana, sob redes elétricas e também recomendado para reflorestamentos de preservação.

Saiba mais: normalmente é encontrado em locais de solo úmido.

Foto: Andréa Diana Oberherr

CORTICEIRA-DO-BANHADO



Nome científico: *Erythrina crista-galli* **Família:** Fabaceae

A corticeira-do-banhado é uma árvore brasileira que pode atingir de 6 a 10 metros de altura. Floresce de setembro a dezembro e os frutos maturam em janeiro e fevereiro. No Rio Grande do Sul, as flores são vermelhas, evidenciando uma característica geográfica. Tem potencial ornamental. É típica de brejos e solos muito úmidos ao longo de arroios e rios. É espinhenta, tem galhos tortuosos e tronco áspero, o que facilita a fixação de plantas epífitas como bromélias e orquídeas. Sua madeira é empregada na fabricação de boias, canoas e cepas para calçados.

Saiba mais: suas sementes são muito atacadas por insetos, o que diminui as chances de regeneração natural.

Foto: Aline Steffens

EMBAÚBA



Nome científico: *Cecropia glaziovii* **Família:** Urticaceae

A embaúba é uma árvore nativa do Brasil que pode atingir de 8 a 16 metros de altura. O surgimento das flores ocorre entre agosto e dezembro e os frutos amadurecem de novembro a fevereiro, sendo esses apreciados por algumas espécies de pássaros. Sua madeira é leve. Utilizada em áreas de reflorestamento e no paisagismo, devido às características de seu caule e suas folhas.

Saiba mais: o tronco oco serve de formigueiro para algumas espécies de formigas. O bicho-preguiça aprecia comer suas folhas. Apresenta princípios medicinais.

Foto: Andréa Diana Oberherr

ERVA-MATE



Nome científico: *Ilex paraguariensis* **Família:** Aquifoliaceae

A erva-mate é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 4 a 10 metros de altura. Floresce entre outubro e dezembro. Os frutos amadurecem entre janeiro e março, sendo consumidos por algumas espécies de pássaros. A madeira é leve e pouco compacta. Utilizada como ornamental e na recomposição de áreas degradadas.

Saiba mais: as folhas são utilizadas para fazer a erva de chimarrão, bebida símbolo do Rio Grande do Sul. A erva-mate é exportada para o mundo todo.

Foto: Aline Steffens

ERVA-MOURA



Nome científico: *Solanum americanum* **Família:** Solanaceae

A erva-moura é um arbusto nativo do Brasil que pode atingir de 40 a 90 cm de altura. Planta herbácea com ampla distribuição, tanto em solos pobres quanto em férteis. Floresce quase o ano todo e os frutos amadurecem predominantemente em novembro. Esses, quando verdes, são altamente tóxicos, por isso também é conhecida como mata-cavalo.

Saiba mais: as folhas servem de abrigo para nematóides.

Foto: Andréa Diana Oberherr

FIGUEIRA-MATA-PAU



Nome científico: *Ficus adhatodifolia* **Família:** Moraceae

A figueira-mata-pau é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir até 30 metros de altura. Floresce em agosto e setembro e frutifica em dezembro e janeiro. Os frutos são consumidos por aves e mamíferos, que são dispersores das sementes. Espécie pioneira rústica de grande porte, utilizada em áreas degradadas e no paisagismo.

Saiba mais: usa outras árvores como suporte para se desenvolver.

Foto: Guilherme Taboada Conrado

GUABIROBA



Nome científico: *Campomanesia xanthocarpa* **Família:** Myrtaceae

A guabiroba é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que atinge de 10 a 20 metros de altura. Floresce de setembro a novembro e os frutos amadurecem entre novembro e dezembro. Sua madeira é pesada e resistente, usada na fabricação de instrumentos musicais e cabos de ferramentas. Utilizada em áreas de preservação e cultivada em pomares domésticos.

Saiba mais: os frutos são comestíveis e saborosos tanto *in natura* quanto em forma de doces e licores.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

GUAJUVIRA



Nome científico: *Cordia americana* **Família:** Boraginaceae

A guajuvira é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir até 35 metros de altura. A floração ocorre de julho a novembro e os frutos amadurecem entre outubro e fevereiro. Sua madeira é densa. Empregada como ornamental e indicada para áreas de reflorestamento.

Saiba mais: utilizada pelos índios na construção de arcos, devido a sua flexibilidade. Possui princípios medicinais, sendo popularmente usada no tratamento de lesões ou doenças de pele.

Foto: Antoninho Alves Portilho

IPÊ-ROXO



Nome científico: *Handroanthus heptaphyllus* **Família:** Bignoniaceae

O ipê-roxo é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 10 a 20 metros de altura. A floração ocorre durante os meses de julho a setembro e a frutificação de setembro a outubro. Sua madeira é pesada e resistente. É usado na arborização urbana e recomendado para reflorestamento de áreas degradadas.

Saiba mais: utilizado para paisagismo no Brasil devido a sua floração. Tem propriedades medicinais.

Foto: Andréa Diana Oberherr

IPÊ-AMARELO



Nome científico: *Handroanthus chrysotrichus* **Família:** Bignoniaceae

O ipê-amarelo é uma árvore nativa do Brasil que mede de 4 a 10 metros de altura. Floresce nos meses de agosto e setembro e os frutos amadurecem em setembro e outubro. Sua madeira é pesada e resistente. Utilizado na arborização urbana, em ruas, praças e parques, devido a sua beleza quando em flor. Tem crescimento rápido, sendo então usado em áreas de reflorestamento e na recuperação de áreas degradadas.

Saiba mais: árvore símbolo do Brasil.

Foto: Guilherme Taboada Conrado

JERIVÁ



Nome científico: *Syagrus romanzoffiana* **Família:** Arecaceae

O jerivá é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 10 a 15 metros de altura. A floração ocorre praticamente o ano todo com predominância na primavera e no verão. Os frutos amadurecem entre fevereiro e agosto, e servem como alimento a diversos grupos animais. Sua madeira é pesada e rígida. Utilizado na recuperação de áreas degradadas.

Saiba mais: possui grande resistência no transplante, mesmo quando adulto. Espécie abundante em locais de solos úmidos e alagáveis. É protegido por lei.

Foto: Guilherme Taboada Conrado

JOÁ-DE-ÁRVORE



Nome científico: *Solanum pseudoquina* **Família:** Solanaceae

O Joá-de-árvore é uma espécie nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 4 a 7 metros de altura. As flores são apícolas, brancas e muito apreciadas por polinizadores, surgindo de setembro a novembro. Os frutos amadurecem de fevereiro a março e são apreciados por pássaros. Sua madeira é pesada.

Saiba mais: por ser de crescimento rápido, é empregado na recuperação de áreas degradadas.

Foto: Andréa Diana Oberherr

MAMICA-DE-CADELA



Nome científico: *Zanthoxylum rhoifolium* **Família:** Rutaceae

A mamica-de-cadela é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 6 a 12 metros de altura. As flores são melíferas e aparecem entre outubro e novembro. Os frutos amadurecem entre março e junho. Sua madeira é leve e flexível. Recomendada para recuperação de áreas degradadas e na arborização urbana, além do paisagismo em geral.

Saiba mais: devido à densidade da copa, produz uma sombra convidativa. Seu tronco e galhos apresentam acúleos.

Foto: Guilherme Taboada Conrado

MARICÁ



Nome científico: *Mimosa bimucronata* **Família:** Fabaceae

O maricá é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 4 a 8 metros de altura. As flores são perfumadas e apícolas, surgindo entre janeiro e março. O fruto é leguminoso, maturando entre abril e junho. Sua madeira é moderadamente pesada e resistente. Tem desenvolvimento rápido e é abundante em solos úmidos.

Saiba mais: por apresentar espinhos, é utilizado como cerca viva, protegendo as propriedades. É protegido por lei, sendo proibido o seu corte.

Foto: Guilherme Taboada Conrado

PAU-LEITEIRO



Nome científico: *Sapium glandulosum* **Família:** Euphorbiaceae

O pau-leiteiro é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 5 a 20 metros de altura. Floresce de outubro a janeiro e os frutos amadurecem de janeiro a março, sendo consumidos por aves que espalham as sementes. Sua madeira é leve e pouco rígida. Utilizado em reflorestamentos nas áreas de conservação.

Saiba mais: o caule produz muito látex, um líquido ácido que serve de matéria-prima para a borracha, daí o nome pau-leiteiro.

Foto: Guilherme Taboada Conrado

PITANGUEIRA



Nome científico: *Eugenia uniflora* **Família:** Myrtaceae

A pitangueira é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 6 a 12 metros de altura. As flores são brancas e florescem entre agosto e novembro. Os frutos são avermelhados e amadurecem entre outubro e janeiro, sendo ricos em vitamina C e consumidos ao natural, em sucos, geleias e doces. Sua madeira é rígida e resistente. Utilizada no reflorestamento de áreas degradadas.

Saiba mais: ornamental para residências e parques.

Foto: Guilherme Taboada Conrado

PIXIRICA



Nome científico: *Miconia cinerascens* **Família:** Melastomataceae

A pixirica é uma espécie arbustiva nativa do Rio Grande do Sul que mede de 1 a 5 metros de altura. As flores aparecem entre outubro e dezembro. É considerada ornamental pela característica de suas folhas e flores. Abundante nas bordas de floresta em regeneração.

Saiba mais: espécie pioneira e predominante, por ter uma alta produção de sementes e não ser muito apreciada por herbívoros.

Foto: Andréa Diana Oberherr

SANGUE-DE-DRAGÃO



Nome científico: *Croton urucurana* **Família:** Euphorbiaceae

O sangue-de-dragão é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 7 a 14 metros de altura. Floresce de dezembro até junho e seus frutos iniciam a maturação em fevereiro e terminam em julho. Sua madeira é pesada. É excelente para recomposição de áreas degradadas, principalmente em vegetações ciliares. Adaptado a terrenos úmidos.

Saiba mais: seus frutos e flores atraem polinizadores, como aves e insetos. A seiva apresenta coloração vermelha e características curativas.

Foto: Guilherme Taboada Conrado

URUCUM



Nome científico: *Bixa orellana* **Família:** Bixaceae

O urucum é uma árvore nativa do Brasil que pode atingir de 3 a 5 metros de altura. Floresce durante a primavera e início do verão. Os frutos maturam no início do outono. Sua madeira é leve e pouco rígida. Ocorre principalmente em solos férteis, úmidos e na beira de rios. É de rápido crescimento, podendo ser plantado em áreas degradadas.

Saiba mais: cultivado e utilizado por tribos indígenas para pintar a pele, repelir insetos e nos rituais religiosos. Usado na culinária, compoendo o conhecido "colorau".

Foto: Andréa Diana Oberherr

VASSOURA-VERMELHA



Nome científico: *Dodonea viscosa* **Família:** Sapindaceae

A vassoura-vermelha é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul que pode atingir de 4 a 8 metros de altura. Floresce o ano todo, principalmente de maio a agosto e as flores são melíferas. O amadurecimento dos frutos ocorre entre setembro e novembro. Sua madeira é pesada e macia. Tem crescimento rápido, sendo caracterizada como pioneira e recomendada para reflorestamentos.

Foto: Andréa Diana Oberherr

Anfíbios

A palavra "anfíbio" vem do grego e significa "duas vidas", o que caracteriza duas formas de vida: uma aquática, quando é girino, e outra terrestre, quando adulto (COLOMBO & ZANK, 2008). Este grupo é dividido em três ordens: Anura, Caudata e Gymnophiona. Nesta cartilha, serão apresentadas espécies da ordem Anura, conhecida popularmente pelos sapos, rãs e pererecas, a qual apresenta 988 espécies de anfíbios de um total de 1026 registradas no Brasil (SBH, 2014).

Basicamente, podemos classificar os sapos como indivíduos que têm locomoção lenta, pele bastante rugosa e hábitos terrestres. As rãs, pelo contrário, possuem a pele pouco rugosa ou lisa, hábitos aquáticos e locomoção por saltos. Já as pererecas, apresentam discos adesivos na ponta dos dedos e tem hábito "escalador" (BORGES-MARTINS et al., 2007). Uma das principais características dos anuros é emitir sons. Apenas os machos emitem cantos, seja para atrair fêmeas, defender-se, intimidar predadores e/ou alertar ameaças (HEYER et al., 1988). Uma forma de diferenciar as espécies é identificar o canto emitido por elas.

As técnicas utilizadas para a busca e observação dos animais foram: o uso de armadilhas de interceptação e queda ("pitfall"), o método de busca ativa e os encontros ao acaso. Foram realizadas coletas diurnas e noturnas. Tais armadilhas foram produzidas com incentivo do Projeto VerdeSinos e caracterizam-se pelo uso de baldes enterrados no chão, onde o indivíduo é capturado sem que haja qualquer tipo de dano ao animal, tornando possível seu manuseio e possibilitando uma melhor identificação das características morfológicas e anatômicas. A partir das técnicas, os anuros foram fotografados, identificados, descritos e catalogados.

Entre abril e setembro de 2015, foram avistadas no CEMEAM, 13 espécies de anuros, pertencentes a 5 famílias. Para esta cartilha, foram descritas e destacadas em fotos 10 espécies, distribuídas em 4 famílias: Perereca (*Dendropsophus nanus*), Perereca (*Scinax* sp.), Perereca-de-banheiro (*Scinax fuscovarius*), Rã-Boiadeira (*Pseudis minuta*), Rã-cachorro (*Physalaemus cuvieri*), Rã-da-espuma (*Physalaemus lisei*), Rã-manteiga (*Leptodactylus latrans*), Rã-touro (*Lithobates catesbeianus*), Sapo-cururú (*Rhinella icterica*) e Sapo-ferreiro (*Hypsiboas faber*).

Família	Nome Científico	Nome Popular
Bufonidae	<i>Rhinella icterica</i>	Sapo-cururú
	<i>Rhinella henseli</i>	Sapo-das-florestas
Centrilonidae	<i>Vitreorana uranoscopa</i>	Perereca-de-vidro
Hylidae	<i>Dendropsophus nanus</i>	Perereca
	<i>Scinax</i> sp.	Perereca
	<i>Scinax fuscovarius</i>	Perereca-de-banheiro
	<i>Hypsiboas pulchellus</i>	Perereca-do-banhado
	<i>Hypsiboas faber</i>	Sapo-ferreiro
	<i>Pseudis minuta</i>	Rã-boiadeira
Leptodactylidae	<i>Physalaemus cuvieri</i>	Rã-cachorro
	<i>Physalaemus lisei</i>	Rã-da-espuma
	<i>Leptodactylus latrans</i>	Rã-manteiga
Ranidae	<i>Lithobates catesbeianus</i>	Rã-touro



PERERECA-DE-BANHEIRO

Nome científico: *Scinax fuscovarius*

Família: Hylidae

A perereca-de-banheiro mede de 40 a 45 mm de comprimento e ocorre no sul do Brasil, Uruguai e Argentina. Desova na primavera e no verão, chegando a colocar 1500 ovos. Alimenta-se de mariposas, besouros, aranhas e outros insetos.

Saiba mais: comum nas residências urbanas e bordas de florestas. Quando se sente ameaçada, sua estratégia de defesa é fingir-se de morta.

Fotos: Luciano da Silva Haack

PERERECA



Nome científico: *Dendropsophus nanus* Família: Hylidae

A perereca é uma espécie em que o macho mede entre 18 e 22 mm e a fêmea de 20 a 22 mm de comprimento. Ocorre no sul do Brasil, Uruguai e Argentina. Habita áreas abertas, próximo a riachos, poças, valas, lagos ou áreas alagadas.

Saiba mais: seu período de desova vai de setembro a fevereiro. Os ovos são escuros e depositados em plantas aquáticas.

Fotos: Guilherme Taboada Conrado

PERERECA



Nome científico: *Scinax* sp. Família: Hylidae

Esta perereca é uma espécie que possui entre 30 e 40 mm de comprimento. No Brasil, ocorre do Rio Grande do Sul à Santa Catarina. Sua pele é levemente granulosa e a coloração vai de castanho claro a verde-claro.

Saiba mais: apresenta uma mancha triangular na região introocular escura.

Foto: Guilherme Taboada Conrado

RÃ-BOIADEIRA



Nome científico: *Pseudis minuta* Família: Hylidae

A rã-boiadeira ocorre no Uruguai, Argentina e Brasil (Rio Grande do Sul e Santa Catarina). Possui os dedos das patas posteriores completamente unidos por membranas. Sua coloração dorsal varia do verde oliva ao castanho, com predominância da cor verde, podendo apresentar uma mancha dorsal de cor dourada. Alimenta-se de insetos aquáticos e dos que caem na água, além de crustáceos.

Saiba mais: a época de reprodução varia de julho a abril. Neste período pode ser encontrada vocalizando tanto de dia quanto de noite.

Foto: Moisés Teixeira Peixoto

RÃ-CACHORRO



Nome científico: *Physalaemus cuvieri* **Família:** Leptodactylidae

A rã-cachorro é uma espécie de pequeno porte (24 a 32 mm), encontrada amplamente no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Reproduz-se de setembro a fevereiro, sendo os ovos depositados em um ninho de espuma que flutua na água junto à vegetação. Alimenta-se principalmente de invertebrados como formigas e aranhas.

Saiba mais: seu canto é similar ao latido de um cachorro ou a repetição da palavra "oi". No sudeste é chamada de "foi-não-foi". Foge dando grandes saltos quando se sente ameaçada.

Foto: Luciano da Silva Haack

RÃ-DA-ESPUMA



Nome científico: *Physalaemus lisei* **Família:** Leptodactylidae

A rã-da-espuma é uma espécie de pequeno porte (21 a 30 mm), encontrada em altitudes entre 200 e 600 metros, na região sul do Brasil. Vive em áreas florestadas úmidas, frequentemente florestas secundárias ou zonas de transição entre florestas e áreas abertas. Durante o período de acasalamento, ocupa pequenas lagoas ou corpos d'água temporários, como valas, onde deposita seus ovos em ninhos de espuma. Alimenta-se principalmente de invertebrados como formigas e aranhas.

Saiba mais: apresenta atividade de vocalização crepuscular e noturna e seu canto se assemelha ao zumbido de mosquito. Na imagem, o casal em abraço nupcial (amplexo).

Foto: Luciano da Silva Haack

RÃ-MANTEIGA



Nome científico: *Leptodactylus latrans* **Família:** Leptodactylidae

A rã-manteiga é uma espécie de grande tamanho (120 a 140 mm), comum na região sul do Brasil e na Bacia do Rio dos Sinos e vive em campos e banhados. A reprodução ocorre de setembro a fevereiro. Alimenta-se de pequenos vertebrados, moluscos, artrópodes e anfíbios.

Saiba mais: como estratégia de defesa, infla e levanta o corpo para parecer maior e os machos podem espetar usando um espinho presente perto do dedo da "mão". É muito escorregadia e usada no consumo humano, daí seu nome popular "rã-manteiga".

Foto: Luciano da Silva Haack

RÃ-TOURO



Nome científico: *Lithobates catesbeianus* **Família:** Ranidae

A rã-touro é uma espécie exótica, que pode chegar até 300 mm de comprimento. Nativa da América do Norte, foi introduzida em diversos países para criação visando o consumo humano. A época de reprodução começa na primavera e início do verão, mas pode variar de acordo com a latitude. O depósito de ovos ocorre na água. Alimenta-se de praticamente qualquer animal que consiga capturar e engolir: roedores, cobras, pequenas tartarugas, girinos, lesmas, aves, peixes, insetos e até mesmo morcegos.

Saiba mais: tem esse nome, devido sua vocalização parecer com o mugido de um touro. Sua carne é muito utilizada na culinária. Quando em perigo foge dando grandes saltos.

Foto: Luciano da Silva Haack

SAPO-CURURÚ OU SAPO-COMUM



Exemplar
da espécie
(macho)

Nome científico: *Rhinella icterica* **Família:** Bufonidae

O sapo-cururú é uma espécie de grande tamanho (95 a 130 mm), sendo encontrado no sul e sudeste do Brasil e leste do Paraguai. Reproduz-se de agosto a janeiro. O macho vocaliza ao anoitecer, próximo ou junto a corpos de água. Os ovos são depositados em cordões gelatinosos. Alimenta-se de invertebrados médios e grandes, como aranhas e escarvelhos e também de pequenos vertebrados como roedores.

Saiba mais: é comum em residências, perto das lâmpadas, esperando os insetos caírem. Como estratégia de defesa, além de se fingir de morto, também infla o corpo para parecer maior. A fêmea possui manchas pretas sobre o corpo e o macho é marrom amarelado.

SAPO-FERREIRO (PERERECA)



Nome científico: *Hypsiboas faber* **Família:** Hylidae

O sapo-ferreiro, apesar do nome, é uma perereca, sendo uma das maiores do RS, podendo chegar a 100 mm de comprimento. Ocorre no Brasil e na Argentina. Para se reproduzir, o macho constrói uma "piscina", onde fica vocalizando para atrair a fêmea, que desova em torno de 2000 ovos. Alimenta-se principalmente de invertebrados, mas pode também pregar pequenos anfíbios.

Saiba mais: o macho é agressivo quando disputa território. O som de sua vocalização lembra uma batida numa lata de ferro, por isso o nome "sapo-ferreiro".

Foto: Antoninho Alves Portilho

Exemplar
da espécie
(fêmea)



Foto: Luciano da Silva Haack

Aves



O Centro Ambiental de Sapiranga é uma área natural de preservação com vegetação nativa e recursos hídricos que influenciam na presença de uma variedade de espécies que visitam e habitam o espaço em busca de alimento e de um local tranquilo e seguro para nidificação.

Segundo a lista do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2014), o Brasil conta hoje com 1901 espécies de aves registradas e o site www.wikiaves.com informa que, no estado do Rio Grande do Sul, existem 636 espécies. A prática de observação de aves realizada para a construção desta cartilha, caracteriza uma atividade de essencial importância no registro de conhecimentos sobre a avifauna local. Desde o ano de 2009, vêm sendo realizadas anotações esporádicas, através da observação direta e registros fotográficos, os quais se intensificaram a partir de setembro de 2014.

A equipe de profissionais do CEMEAM utilizou equipamentos indispensáveis para a observação de aves, como binóculos de uso universal e máquinas fotográficas de longo alcance. A partir da observação em campo, foram realizados registros sobre o comportamento natural da espécie, características anatômicas, vocalizações, hábitos alimentares, nidificação, entre outros. Até setembro de 2015, foram catalogadas no Centro Ambiental 95 espécies de aves, distribuídas em 37 famílias, sendo algumas observadas regularmente, outras em determinadas épocas e algumas, em deslocamento passageiro.

Para esta cartilha, foram descritas e destacadas em fotos 38 espécies pertencentes a 24 famílias: Alegrinho (*Serpophaga subcristata*), Alma-de-gato (*Piaya cayana*), Andorinha-doméstica-grande (*Progne chalybea*), Anu-branco (*Guirra guirra*), Anu-preto (*Crotophaga ani*), Aracua-escamoso (*Ortalis squamata*), Asa-de-telha (*Agelaioides badius*), Beija-flor-de-frente-violeta (*Thalurania glaucopis*), Bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), Canário-da-terra-verdadeiro (*Sicalis flaveola*), Carcará (*Caracara plancus*), Corruira-de-casa (*Troglodytes musculus*), Frango-d'água-comum (*Gallinula galeata*), Garça-vaqueira (*Bubulcus ibis*), Gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*), Jacanã (*Jacana jacana*), João-de-barro (*Furnarius rufus*), Maria-faceira (*Syrigma sibilatrix*), Pardal (*Passer domesticus*), Pica-pau-branco (*Melanerpes candidus*), Pica-pau-de-cabeça-amarela (*Ceuleus flavescens*), Pica-pau-do-campo (*Colaptes campestris*), Pica-pau-verde-barrado (*Colaptes melanochlorus*), Pitiguari (*Cyclarhis gujanensis*), Quero-quero (*Vanellus chilensis*), Quinquiri (*Falco sparverius*), Rolinha-picui (*Columbina picui*), Rolinha-roxa (*Columbina talpacoti*), Sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*), Saci (*Tapera naevia*), Saira-preciosa (*Tangara preciosa*), Sanhaço-cinzento (*Tangara sayaca*), Suiriri (*Tyrannus melancholicus*), Tapicuru-de-cara-pelada (*Phimosus infuscatus*), Tesourinha (*Tyrannus savana*), Tico-tico (*Zonotrichia capensis*), Tovaca-campainha (*Chamaeza campanisona*) e Tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*).

Familia	Nome Científico	Nome Popular
Accipitridae	<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó
Alcedinidae	<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde
	<i>Chloroceryle americana</i>	Martim-pescador-pequeno
	<i>Megaceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande
Ardeidae	<i>Butorides striata</i>	Socózinho
	<i>Tigrisoma lineatum</i>	Socó-boi
	<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira
	<i>Bubulcus ibis</i>	Garça-vaqueira
Cardinalidae	<i>Cyanoloxia brissonii</i>	Azulão
	<i>Cyanoloxia glaucocoeerulea</i>	Azulinho
	<i>Habia rubica</i>	Tiê-do-moto-grosso

Familia	Nome Científico	Nome Popular
Cathartidae	<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-de-cabeça-preta
Charadriidae	<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero
Columbidae	<i>Columbina picui</i>	Rolinha-picui
	<i>Leptotila rufaxilla</i>	Juriti-gemeadeira
	<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-roxa
	<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti-pupu
	<i>Zenaida auriculata</i>	Pomba-de-bando
Crocidae	<i>Ortalis squamata</i>	Aracuçá-escamoso
	<i>Penelope obscura</i>	Jacuaçu
Cuculidae	<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto
	<i>Guira guira</i>	Anu-branco
	<i>Tapera naevia</i>	Saci
	<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato
Dendrocolaptidae	<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	Arapaçu-rajado
Falconidae	<i>Milvago chimachima</i>	Corrapateiro
	<i>Falco sparverius</i>	Quiriquiri
	<i>Caracara plancus</i>	Carcará
Formicariidae	<i>Chamaeza campanisona</i>	Tovaca-campainha
Fringillidae	<i>Euphonia chlorotica</i>	Fim-fim
Furnariidae	<i>Lochmias nematura</i>	João-porca
	<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro
	<i>Synallaxis cinerascens</i>	Pi-puí
	<i>Synallaxis ruficapilla</i>	Pichororé
	<i>Synallaxis spixi</i>	João-teneném
Hirundinidae	<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-pequena-de-casa
	<i>Progne chalybea</i>	Andorinha-doméstica-grande
Icteridae	<i>Coccyzus haemorrhous</i>	Guaxe
	<i>Agelaioides badius</i>	Asa-de-telha
	<i>Molothrus bonariensis</i>	Vira-bosta
	<i>Coccyzus chrysopterus</i>	Tecelão
Jacanidae	<i>Jacana jacana</i>	Jaçanã
Parulidae	<i>Basileuterus culicivorus</i>	Pula-pula
	<i>Myiothlypis leucoblephara</i>	Pula-pula-assobiador
	<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	Pia-cobra
Passerellidae	<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico
Passeridae	<i>Passer domesticus</i>	Pardal
Picidae	<i>Picumnus temminckii</i>	Pica-pau-anão-de-coleira
	<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo
	<i>Colaptes melanochloros</i>	Pica-pau-verde-barrado
	<i>Melanerpes candidus</i>	Pica-pau-branco
	<i>Cealeus flavescens</i>	Pica-pau-de-cabeça-amarela
Pipridae	<i>Chiroxiphia caudata</i>	Tangará
Platyrinchidae	<i>Platyrinchus mystaceus</i>	Patinho
Psittacidae	<i>Myiopsitta monachus</i>	Caturrita

Familia	Nome Científico	Nome Popular
Psittacidae	<i>Pyrrhura frontalis</i>	Tiriba-de-testa-vermelha
Rallidae	<i>Gallinula galeata</i>	Frango-d'água-comum
	<i>Aramides saracura</i>	Saracura-do-mato
Ramphastidae	<i>Ramphastos dicolorus</i>	Tucano-de-bico-verde
Rhynchocyclidae	<i>Poecilatriccus plumbeiceps</i>	Tororó
Scleruridae	<i>Sclerurus scansor</i>	Vira-folha
Thamnophilidae	<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	Choca-de-chapéu-vermelho
	<i>Mackenziaena leachii</i>	Borralhara-assobiadora
Thraupidae	<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra-verdadeiro
	<i>Saltator similis</i>	Trinca-ferro-verdadeiro
	<i>Tangara sayaca</i>	Sanhaçu-cinzento
	<i>Lanio melanops</i>	Tiê-de-topete
	<i>Tangara preciosa</i>	Saira-preciosa
	<i>Sicalis luteola</i>	Tipio
	<i>Pipraeidea bonariensis</i>	Sanhaçu-papa-laranja
	<i>Tachyphonus coronatus</i>	Tiê-preto
	<i>Saltator maxillosus</i>	Bico-grosso
	<i>Pyrrhocomia ruficeps</i>	Cabacinha-castanha
	<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica
	<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu
	Threskiornithidae	<i>Phimosus infuscatus</i>
Trochilidae	<i>Chlorostilbon lucidus</i>	Besourinho-de-bico-vermelho
	<i>Hylocharis chrysura</i>	Beija-flor-dourado
	<i>Amazilia fimbriata</i>	Beija-flor-de-garganta-verde
	<i>Stephanoxis lalandi</i>	Beija-flor-de-topete
	<i>Thalurania glaucopis</i>	Beija-flor-de-fronte-violeta
	<i>Florisuga fusca</i>	Beija-flor-preto
Troglodytidae	<i>Troglodytes musculus</i>	Corruira-de-casa
Trogonidae	<i>Trogon surrucura</i>	Surucuá-variado
Tyrannidae	<i>Tyrannus savana</i>	Tesourinha
	<i>Lathrotriccus euleri</i>	Enferrujado
	<i>Machetornis rixosa</i>	Suiriri-cavaleiro
	<i>Myiodynastes maculatus</i>	Bem-te-vi-rajado
	<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri
	<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi
	<i>Serpophaga subcristata</i>	Alegrinho
Turdidae	<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá-laranjeira
	<i>Turdus amaurochalinus</i>	Sabiá-poca
	<i>Turdus albicollis</i>	Sabiá-coleira
Vireonidae	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	Pitiguari

ALEGRINHO



Nome científico: *Serpophaga subcristata* **Família:** Tyrannidae

O alegrinho é uma ave campestre. Durante o acasalamento, o macho arrepia o topete e canta em seu território sobre galhos altos. Alimenta-se de insetos capturando-os em pleno voo ou no solo e também na vegetação.

Saiba mais: no CEMEAM é visto na parte alta da copa das árvores.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

ALMA-DE-GATO



Nome científico: *Piaya cayana* **Família:** Cuculidae

A alma-de-gato é avistada com frequência no CEMEAM, quase sempre sozinha. O ninho é em forma de taça e construído tanto pelo macho quanto pela fêmea. Sua alimentação é variada, comendo insetos, alguns frutos, ovos de outras aves, lagartixas e pererecas, consumindo inclusive lagartas com espinhos.

Saiba mais: o nome popular se deve ao som misterioso que ela emite.

Foto: Luciano da Silva Hoack

ANDORINHA-DOMÉSTICA-GRANDE



Nome científico: *Progne chalybea* **Família:** Hirundinidae

A andorinha-doméstica-grande vive em áreas urbanas, plantações, lagoas e praias. Constrói seu ninho em lugares ocultos, buracos de árvores e barrancos quando em seu habitat natural. Fora desse, no verão, escolhe telhados de residências. Alimenta-se de insetos que capturam em pleno voo.

Saiba mais: apresenta associação com cupinzeiros arborícolas, ocupando galerias para a construção de seu ninho. Costuma-se dizer que quando as andorinhas revoam, é porque a chuva está próxima.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

ANU-BRANCO



Nome científico: *Guira guira* **Família:** Cuculidae

O anu-branco é uma ave com topete eriçado e vive em bandos. É preferencialmente carnívora, alimentando-se de gafanhotos, percevejos, aranhas, miriápodes, lagartas peludas e urticantes, lagartixas, rãs, camundongos e pequenos peixes que pesca na água rasa. Contudo, em épocas de pouco alimento, come frutas, bagas, coquinhos e sementes.

Saiba mais: é uma ave sociável, permitindo que pessoas se aproximem ou passem perto. Diferente de outras espécies que na presença de gaviões fogem, protege seu ninho, espantando o gavião carijó.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

ANU-PRETO



Nome científico: *Crotaphaga ani* **Família:** Cuculidae

O anu vive em grupos e não voa muito bem. Alimenta-se essencialmente de insetos. Contudo, em épocas de pouco alimento, come frutas, bagas, coquinhos e sementes.

Saiba mais: pode caçar em grupo fazendo um círculo e quando um inseto se move, o anu mais próximo captura-o. Às vezes apanha insetos em pleno voo.

Foto: Luciano da Silva Hoack

ARACUÁ- ESCAMOSO



Nome científico: *Ortalis squamata* **Família:** Cracidae

O aracua-escamoso é uma ave de grande porte e barulhenta quando vocaliza. Alimenta-se de frutos e insetos. No CEMEAM é visto com frequência nas aroeiras.

Saiba mais: apesar do seu tamanho, quando sente a presença de algum intruso, camufla-se por entre os galhos ficando quase que imperceptível aos olhos humanos (observação pessoal).

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

ASA-DE-TELHA



Nome científico: *Agelaioides badius* **Família:** Icteridae

O pássaro asa-de-telha é muito avistado em propriedades na área rural e regiões semiurbanas. Tem cor geral marrom escuro, sendo as asas e a cauda mais escuras. Ao redor dos olhos possui uma "máscara negra". Constrói seu ninho com formato de tigela, preso a uma forquilha. Alimenta-se de insetos, sementes e frutos. No CEMEAM, é visto com frequência no pomar em época de frutificação.

Saiba mais: as pontas de suas asas são de tom avermelhado, lembrando os telhados das nossas casas, o que deu origem ao seu nome.

Foto: Luciano da Silva Haack

BEIJA-FLO-DE- FRONTE-VIOLETA



Nome científico: *Thalurania glaucopis* **Família:** Trochilidae

O beija-flor-de-frente-violeta, como os demais beija-flores, adora locais com uma abundância de flores. Apresenta dimorfismo sexual, em que o macho tem a frente violeta-azulada. Seu ninho é construído em forma de taça. Alimenta-se do néctar das flores, mas outras espécies de beija-flores podem alimentar-se também de pequenos insetos.

Saiba mais: é comum as pessoas ofertarem água com açúcar para o beija-flor. Vale lembrar que não se deve interferir no hábito de alimentação natural dessas aves. A dica é: plante flores.

Foto: Luciano da Silva Haack

BEM-TE-VI



Nome científico: *Pitangus sulphuratus* **Família:** Tyrannidae

O bem-te-vi é uma das aves mais comuns em todo o Brasil. No CEMEAM é visto com muita frequência nos açudes. Alimenta-se de praticamente tudo o que encontra, podendo devorar centenas de insetos diariamente. Também come frutas, ovos de outras aves, flores de jardins, minhocas, pequenas cobras, lagartos, crustáceos, pequenos roedores, além de peixes e girinos de rios e lagos de pouca profundidade. Costuma comer carrapatos de bovinos e equinos.

Saiba mais: é uma ave totalmente oportunista e muito agressiva, ameaçando até mesmo gaviões e urubus quando se aproximam de seu território.

Foto: Antoninho Alves Portilho

CANÁRIO-DA- TERRA-VERDADEIRO



Nome científico: *Sicalis flaveola* **Família:** Thraupidae

O canário-da-terra-verdadeiro é visto geralmente em casal, apresentando dimorfismo sexual, em que o macho adulto tem a coloração amarelo bem vivo e a fêmea um cinza estríado. Tem como principal característica seu canto. Faz ninho em locais ocultos, barrancos, ninhos de joão-de-barro abandonados e escolhe porongos pendurados por moradores em suas casas. Alimenta-se de sementes do chão e ocasionalmente come insetos.

Saiba mais: é considerado predador de sementes e não dispersor. Ilegalmente é preso em gaiolas, onde sofre e perde seu instinto silvestre.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

CARCARÁ

Nome científico: *Caracara plancus* **Familia:** Falconidae

O carcará é encontrado tanto na área urbana quanto na rural. Constrói seu ninho no alto das árvores. É oportunista e generalista, alimentando-se de quase tudo o que encontra, desde animais vivos ou mortos até o lixo produzido pelos humanos. Também consome grãos como amendoim e feijão.

Saiba mais: costuma planar durante o voo. No solo, caminha com passadas largas como um galináceo. No sul, pode atacar ovelhas e seus filhotes recém-nascidos. Pertence a família dos falcões.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

CORRUÍRA-DE-CASA

Nome científico: *Troglodytes musculus* **Familia:** Troglodytidae

A corruira-de-casa é uma ave popular no Brasil, comum no entorno de residências. Vive só ou em casal. Constrói seu ninho com capim e raízes. Alimenta-se de pequenas aranhas, insetos e às vezes filhotes de lagartixa.

Saiba mais: para facilitar sua alimentação, retira as asas de grandes insetos com o bico e bate-os no solo.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

FRANGO-D'ÁGUA-COMUM

Nome científico: *Gallinula galeata* **Familia:** Rallidae

O frango-d'água-comum é uma espécie quase cosmopolita, comum em lagos com vegetação aquática e margens pantanosas. No CEMEAM é visto próximo aos açudes. Constrói seu ninho em cima de plantas aquáticas flutuantes, em margens ou sobre galhos baixos, utilizando a própria vegetação do local. Embora sua alimentação seja de origem vegetal, caminha sobre a vegetação mais densa, caçando invertebrados e ocasionalmente pequenos vertebrados.

Saiba mais: assustado, pode tentar voar de uma forma desengonçada, correndo na superfície da água com ajuda das asas. Apesar dessa performance pouco convincente, é um voador excelente, dispersando-se à noite e aparecendo em açudes ou lagoas onde não existia.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

GARÇA-VAQUEIRA

Nome científico: *Bubulcus ibis* **Familia:** Ardeidae

A garça-vaqueira passa a maior parte de seu tempo nas margens de lagos e pântanos, à procura de alimento. Também é encontrada em locais secos e em campos de cultivo. Constrói seu ninho sobre árvores, utilizando galhos secos. É insetívora, alimentando-se principalmente de insetos espantados pelos animais pastadores ou por máquinas agrícolas.

Saiba mais: mantém uma relação ecológica harmônica interespecífica com os bovinos em que, frequentemente, é vista pousada sobre o gado, alimentando-se de moscas.

Foto: Antoninho Alves Portilho

GAVIÃO-CARIJÓ

Nome científico: *Rupornis magnirostris* **Familia:** Accipitridae

O gavião-carijó é comum em áreas antrópicas. Costuma ser visto em casal. É uma ave oportunista e costuma ficar empoleirado em mourões de cerca e postes, observando possíveis presas. Constrói seu ninho em árvores de copa fechada. Alimenta-se de insetos, aves, lagartos e pequenas serpentes. Costuma atacar ninhos de outras aves e segue correição de formigas.

Saiba mais: possui o hábito de utilizar o mesmo poleiro de caça por longo tempo. Quando sacode suas penas, levanta uma nuvem de pó que vem de suas plumas especiais de contorno.

Foto: Luciano da Silva Haack

JACANÃ



Nome científico: *Jacana jacana* **Família:** Jacanidae

A jacanã é uma ave peralta, comum em açudes e banhados que tenham plantas aquáticas. Constrói seu ninho parcialmente submerso na vegetação aquática. No período reprodutivo, o macho incuba os ovos e cuida dos filhotes jovens. Por hábito, fica sobre a vegetação aquática em busca de insetos e invertebrados. Também alimenta-se de alguns grãos.

Saiba mais: embora seja uma ave muito sociável, defende seu território contra outros indivíduos da mesma espécie. No Brasil existe uma cidade com o seu nome.

Foto: Luciano da Silva Hoack

JOÃO-DE-BARRO



Nome científico: *Furnarius rufus* **Família:** Furnariidae

O joão-de-barro é uma ave adaptada a ambientes urbanos. No CEMEAM é avistado todos os dias. Constrói seu ninho misturando palha, esterco seco e barro úmido, escolhendo postes, árvores, residências e prédios. Alimenta-se de insetos, minhocas e restos de alimentos humanos.

Saiba mais: faz sua casa com a abertura voltada na direção contrária da chuva e na falta de espaço físico, monta seu ninho em cima de outro da mesma espécie. Além disso, não permanece no mesmo abrigo na próxima estação, procurando outro local, mas pode retornar ao antigo após um período afastado. Os ninhos de joão-de-barro abandonados podem servir de casa para roedores e abelhas.

Foto: Luciano da Silva Hoack

MARIA-FACEIRA



Nome científico: *Syrigma sibilatrix* **Família:** Ardeidae

A maria-faceira é uma ave esbelta que costuma viver em grupos familiares ou aos pares. Prefere margens alagadas, ricas em vegetação, onde alimenta-se não só de insetos, mas também de anfíbios, pequenos roedores e peixes. É uma das primeiras aves a aparecer quando o solo é arado e captura minhocas e outros invertebrados removidos pelas máquinas, com isso, auxilia a remover pragas das pastagens.

Saiba mais: vive tanto em locais alagados quanto secos. Passa a maior parte do tempo procurando insetos no solo.

Foto: Antoninho Alves Portilho

PARDAL



Nome científico: *Passer domesticus* **Família:** Passeridae

O pardal é uma espécie exótica muito popular nas cidades por facilmente se adaptar aos humanos, ocupando parques e jardins, além da zona rural de quase todo Brasil. Tem um canto melodioso e o casal constrói o ninho sob os telhados das casas. Alimenta-se de insetos, grãos e sementes, além de sobras da alimentação humana.

Saiba mais: é sociável e não se importa em dividir o espaço com outras aves, como a rolinha, o joão-de-barro, a sabiá-laranjeira, entre outros. No Centro Ambiental foi observado que a espécie choca-de-chapéu-vermelho (*Thamnophilus ruficapillus*) vive com um bando de pardais (observação pessoal).

Foto: Antoninho Alves Portilho

PICA-PAU-BRANCO



Nome científico: *Melanerpes candidus* **Família:** Picidae

O pica-pau-branco diferencia-se das outras espécies de pica-paus por sua coloração branca e pela cor amarela em torno de seus olhos, parecendo óculos. No CEMEAM, é visto em casal ou em pequenos grupos de 6 a 10 indivíduos no topo de árvores. Alimenta-se de insetos e suas larvas, sementes, frutos e mel. Ataca ninhos de marimbondos, vespas e abelhas.

Saiba mais: os indivíduos gritam constantemente, comunicando-se entre si, com um chamado alto e forte. Seu canto é um estridente "birro...birro-birro".

Foto: Antoninho Alves Portilho

PICA-PAU-DE-CABEÇA-AMARELA



Nome científico: *Ceuleus flavescens* **Família:** Picidae

O pica-pau-de-cabeça-amarela normalmente é observado em casal ou em grupos familiares de 3 ou 4 indivíduos. Constrói seu ninho em árvores secas, muitas vezes utilizando formigueiros arborícolas. Sua alimentação baseia-se em insetos, incluindo suas larvas e ovos, dando preferência para formigas e cupins nas árvores. Também come uma grande variedade de frutas e bagas.

Saiba mais: no CEMEAM foi visto poucas vezes e solitário.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

PICA-PAU-DO-CAMPO



Nome científico: *Colaptes campestris* **Família:** Picidae

O pica-pau-do-campo é frequentemente encontrado nos pampas gaúchos. Vive em casal ou em pequenos bandos, geralmente avistado próximo do solo. Possui os lados da cabeça e do pescoço, bem como o peito, amarelados, enquanto o alto da cabeça e a nuca são negros. Constrói seu ninho em troncos secos, cupinzeiros ou barrancos. Desloca-se no solo aos pulos, à procura de formigas e cupins para sua alimentação.

Saiba mais: possui hábito reprodutivo, semissociais, em que diferentes casais constroem seus ninhos em árvores próximas umas das outras.

Foto: Luciano da Silva Haack

PICA-PAU-VERDE-BARRADO



Nome científico: *Colaptes melanochloros* **Família:** Picidae

O pica-pau-verde-barrado é comum na área urbana e rural. Tem em sua cabeça a característica divisão entre vermelho e preto, única entre os pica-paus. Constrói seu ninho em árvores secas, postes de madeiras e palmeiras. Alimenta-se de formigas e larvas de outros insetos, principalmente besouros. Também come frutos carnosos em especial no inverno, quando diminui a quantidade de insetos.

Saiba mais: tamborila sobre a madeira à procura de alimento. No CEMEAM é comumente visto junto com o pica-pau-do-campo capturando formigas no solo.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

PITIGUARI



Nome científico: *Cyclarhis gujanensis* **Família:** Vireonidae

O pitiguari é comum em todo território brasileiro, mas no CEMEAM, foi avistado uma única vez ao longo da trilha. Seu bico e sua cabeça são desproporcionais ao corpo e apresenta uma faixa marrom avermelhada sobre seus olhos. Alimenta-se de lagartas grandes, bem como de larvas e pequenos frutos.

Saiba mais: canta em todos os meses do ano, às vezes mais de uma hora seguida.

Foto: Antoninho Alves Portilho

QUERO-QUERO



Nome científico: *Vanellus chilensis* **Família:** Charadriidae

O quero-quero é comum no estado gaúcho, ocupando terrenos característicos de campo aberto. Defende seu território com muita bravura e constrói seu ninho no chão. Faz barulho quando percebe a aproximação de algum indivíduo, e ataca com voos rasantes quem se aproxima de seu ninho. Possui um canto característico, o qual deu origem ao seu nome. Alimenta-se de invertebrados aquáticos, pequenos peixes, artrópodes, moluscos terrestres, sementes e plantas aquáticas.

Saiba mais: ave símbolo do Rio Grande do Sul. Destaca-se seu hábito de viver em grupos familiares. Quando adulto, apresenta esporões nas asas, usados como arma de ataque e defesa.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

QUIRIQUIRI



Nome científico: *Falco sparverius* **Familia:** Falconidae

O quiriquiri é um pequeno falcão de áreas abertas e que ocupa áreas semiurbanizadas. O ninho é construído pelo casal em locais ociosos, em árvores mortas e cupinzeiros, sendo que o macho alimenta a fêmea e os filhotes. Come lagartos e grandes insetos, ocasionalmente roedores, pequenas cobras e pequenas aves.

Saiba mais: para capturar sua presa, arremete contra ela sucessivas vezes, até se posicionar sobre a vítima, caindo sobre ela de asas fechadas. A presa é capturada e morta no solo.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

ROLINHA-PICUI



Nome científico: *Columbina picui* **Familia:** Columbidae

A rolinha-picui é uma ave campestre, acostumada a ambientes urbanos. Vive em casais ou pequenos grupos, algumas vezes misturando-se a outras rolinhas. Apresenta dimorfismo sexual, em que o macho tem uma faixa azul e uma grande faixa branca nas asas. Alimenta-se de grãos e sementes.

Saiba mais: constrói uma pequena plataforma de galhos mal ajustados para utilizar como ninho, sendo uma característica da família das pombas.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

ROLINHA-ROXA



Nome científico: *Columbina talpacoti* **Familia:** Columbidae

A pombinha-rola, como é popularmente chamada, adapta-se facilmente aos ambientes urbanos, sendo frequentemente avistada no entorno dos prédios do CEMEAM e ao longo da trilha. Nessa espécie, é a fêmea que instala o ninho, escolhendo beiras de telhados e bananeiras. Alimenta-se de grãos encontrados no chão e havendo alimento, reproduz-se o ano inteiro.

Saiba mais: ao pousar, balança a cabeça com ritmo, para cima e para baixo, enquanto canta.

Foto: Antoninho Alves Partilha

SABIÁ-LARANJEIRA



Nome científico: *Turdus rufiventris* **Familia:** Turdidae

O sabiá-laranjeira é uma das aves mais comuns encontradas no CEMEAM e nas áreas urbanas, não se importando com a presença humana. Faz o alicerce do ninho com barro e reforça com gravetos e raízes. Canta até de madrugada no período de reprodução e não apresenta dimorfismo sexual. A alimentação é baseada em frutos e invertebrados. Em junho de 2015, um sabiá foi recuperado após ter o seu olho machucado por um espinho.

Saiba mais: ave símbolo nacional do Brasil. Toma demorados banhos de chuva.

Foto: Luciano da Silva Haack

SACI OU SEM-FIM



Nome científico: *Tapera naevia* **Familia:** Cuculidae

No saci, destacam-se o "topete eriçado" e o seu canto, que é bem característico. Canta incansavelmente o dia todo até chegar a noite. Não é um pássaro comumente encontrado. Tem hábitos reprodutivos parasitários. Alimenta-se de insetos.

Saiba mais: por ser uma ave migratória, é encontrado no CEMEAM somente na primavera e no verão.

Foto: Luciano da Silva Haack

SAIRA-PRECIOSA



Nome científico: *Tangara preciosa* **Família:** Thraupidae

O macho desta espécie é muito colorido, com cores que vão desde marrons claros, cremes, verde-água e azul. As fêmeas são menos coloridas, tendo a cabeça marrom claro e o resto do corpo em tons de verde. Este macho de saira-preciosa (foto) colidiu na janela de um dos prédios do CEMEAM, ficando desorientado. Foi capturado, passou alguns minutos em repouso até recuperar-se e logo após foi solto. Essa espécie alimenta-se principalmente de frutos, mas também de artrópodes. É parcialmente migratória e habita regiões serranas.

Saiba mais: no Centro Ambiental a saira-preciosa é vista em uma das figueiras na época de frutificação.

Foto: Luciano da Silva Hoack

SANHAÇU-CINZENTO



Nome científico: *Tangara sayaca* **Família:** Thraupidae

O sanhaçu-cinzento é uma ave comumente vista em ambientes urbanos, encontrada com facilidade aos pares ou pequenos bandos. Tem o corpo acinzentado, ligeiramente azulado. Alimenta-se de frutos, folhas, brotos, flores de eucaliptos e insetos.

Saiba mais: quando não está se reproduzindo torna-se nômade, andando em grupos e acompanhando árvores frutíferas de cada estação. Ao afrontar ou agredir outro macho da mesma espécie, seu canto fica rouco e monótono.

Foto: Luciano da Silva Hoack

SUIRIRI



Nome científico: *Tyrannus melancholicus* **Família:** Tyrannidae

O suiriri é comum em áreas abertas naturais ou antrópicas. Na região sul do país, é migratório. Pode ser solitário ou encontrado em casal. O ninho em forma de taça rala é construído tanto pelo macho como pela fêmea sobre galhos terminais. Alimenta-se de frutos e insetos, os quais são capturados em pleno voo.

Saiba mais: os indivíduos costumam escolher os mesmos horários e lugares para seus gorjeios, mesmo em diferentes épocas do ano (observação pessoal).

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

TAPICURU-DE-CARA-PELADA



Nome científico: *Phimosus infuscatus* **Família:** Threskiornithidae

O tapicuru-de-cara-pelada é facilmente reconhecido pelo colorido avermelhado de sua face nua e pelo bico curvado amarelado ou branco. É relativamente grande e geralmente vive em grupo, sendo migratório. Alimenta-se de crustáceos, moluscos, caranguejos, sementes e folhas.

Saiba mais: procura seu alimento na água rasa e em gramas roçadas, usando para isso o seu longo bico.

Foto: Luciano da Silva Hoack

TESOURINHA



Nome científico: *Tyrannus savana* **Família:** Tyrannidae

A tesourinha é uma ave migratória, que sai do sul do país no inverno e vai para a Amazônia à procura de alimentação. No início da primavera, retorna à sua região de origem, para reproduzir e criar seus filhotes. Possui uma cauda longa e bifurcada. Constrói seus ninhos em arbustos, próximos a cursos d'água. Alimenta-se de frutos e insetos.

Saiba mais: também conhecida por andorinha, é uma ave que sempre migra em grupos e geralmente pousa em locais pré-escolhidos.

Foto: Antoninho Alves Portilho

TICO-TICO



Nome científico: *Zonotrichia capensis* **Familia:** Passerellidae

O tico-tico é encontrado em paisagens abertas, plantações, jardins, pátios e coberturas ajardinadas de edifícios. No CEMEAM ele é muito comum no entorno das salas. É uma das espécies mais populares no Brasil devido a sua adaptação a vida junto ao homem. Faz seu ninho em forma de tigela, usando raízes e fibras vegetais, escondido entre touceiras no solo. Alimenta-se de sementes, brotos, frutas e insetos.

Saiba mais: é uma ave territorialista, em que o macho defende o seu território contra outros machos de tico-tico.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila

TOVACA-CAMPAINHA



Nome científico: *Chamaeza campanisona* **Familia:** Formicariidae

Onde está a ave? A tovaca-campainha vive solitária ou aos pares, no chão ou próximo a esse. Embora seja ouvida com frequência, é uma espécie normalmente tímida e difícil de ser avistada (a qualidade da imagem traduz a dificuldade de ser vista e fotografada). Suas pernas são esbranquiçadas. Faz seu ninho em galhos ocos e esgravata o solo para alimentar-se de insetos e algumas sementes.

Saiba mais: foi vista somente uma vez no CEMEAM, tamanha dificuldade que se tem em encontrá-la.

Foto: Luciano da Silva Haack

TUCANO-DE-BICO-VERDE



Nome científico: *Ramphastos dicolorus* **Familia:** Ramphastidae

O tucano-de-bico-verde é uma ave típica do sul do país, porém devido à destruição de seu habitat natural, vem sendo encontrado cada vez menos. Vive em pares ou em grupos de 20 ou mais indivíduos. Alimenta-se de frutas, artrópodes e pequenos vertebrados, mas com frequência come ovos e filhotes nos ninhos de outras aves.

Saiba mais: destaca-se pela sua beleza e pelas cores vibrantes. Apesar de possuir um bico grande com aparência robusta, ele é extremamente leve e não tem a força que aparenta ter.

Foto: Cláudio Kreuning de Ávila



Foto: Cláudio Kneeling da Silva

Mamíferos

Os mamíferos são vertebrados pertencentes à classe *Mammalia*. De acordo com a revisão bibliográfica, suas principais características são o corpo coberto de pelos, a capacidade de regular a temperatura do corpo, a fecundação interna, a produção de leite nas glândulas mamárias e o cuidado prolongado da mãe.

Estudos de WILSON E REEDER (2005) contabilizaram cerca de 5418 espécies de mamíferos em todo o mundo. O Brasil é um dos países que abriga a maior riqueza desses animais, onde se verificam 688 espécies (REIS et al., 2011). A descrição e identificação de mamíferos realizada para a construção desta cartilha, caracteriza uma atividade de essencial importância no registro de conhecimentos sobre a fauna do CEMEAM. Desde o ano de 2009, vêm sendo realizadas anotações esporádicas, através da observação direta e encontros ao acaso de indivíduos ou vestígios da presença deles. Esses estudos foram intensificados a partir de setembro de 2014.

Até setembro de 2015, foram avistadas no Centro Ambiental 12 espécies de mamíferos, distribuídas em 9 famílias, sendo algumas observadas regularmente, outras em determinadas épocas e algumas, através de algum vestígio como tocos, pegadas, fezes, entre outros.

Para esta cartilha, foram descritas e destacadas em fotos 4 espécies, pertencentes a 3 famílias: Cuica-anã (*Monodelphis dimidiata*), Gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), Morcego-de-cauda-grossa (*Molossus molossus*) e Preá (*Cavia aperea*).

Família	Nome Científico	Nome Popular
Caviidae	<i>Cavia aperea</i>	Preá
Cricetidae	<i>Oligoryzomys nigripes</i>	Camundongo-do-mato
	<i>Akodon montensis</i>	Rato-do-mato
Dasypodidae	<i>Cabassous sp.</i>	Tatu-rabo-mole
Didelphidae	<i>Monodelphis dimidiata</i>	Cuica-anã
	<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá-de-orelha-branca
Erethizontidae	<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro
Molossidae	<i>Molossus molossus</i>	Morcego-de-cauda-grossa
Phyllostomidae	<i>Sturnira lilium</i>	Morcego-de-ombros-amarelos
	<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego-vampiro
Procyonidae	<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada
Sciuridae	<i>Sciurus aestuans</i>	Serelepe



PREÁ

Nome científico: *Cavia aperea*

Família: Caviidae

A preá é um mamífero roedor que mede em torno de 30 cm, sendo encontrada na região sul do Brasil, Paraguai e Argentina. Procria duas vezes por ano e nascem de 1 a 4 filhotes, após um período de gestação de cerca de dois meses. Alimenta-se de capim, folhas e brotos.

Saiba mais: seu maior predador em habitat natural são as cobras, os cães do mato e principalmente o homem. Por esse motivo, ela evita andar a céu aberto, andando em pequenos grupos de 6 a 15 indivíduos. Emite um som como "cuin-cuin" fino e aflautado.

Foto: Luciano da Silva Hoack

CUÍCA-ANÃ



Nome científico: *Monodelphis dimidiata* Família: Didelphidae

A cuíca-anã é um marsupial de pequeno porte, que pesa entre 29 g e 30 g, sendo encontrada na porção leste do Brasil, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul e na Argentina. Sua gestação dura em torno de 20 dias, nascendo de sete a nove filhotes. Alimenta-se de frutas, insetos, moluscos e aranhas.

Saiba mais: possui hábito solitário, noturno e costuma estar em árvores.

Foto: Luciano da Silva Hoack

GAMBÁ-DE-ORELHA-BRANCA



Nome científico: *Didelphis albiventris* Família: Didelphidae

O gambá-de-orelha-branca é um dos maiores marsupiais do Brasil, pesando entre 1/2 kg e 2 kg. É encontrado em toda a América do Sul. A gestação dura de 12 a 14 dias, nascendo filhotes pouco desenvolvidos. A fêmea possui uma bolsa abdominal externa, onde se localizam 13 mamas. Alimenta-se de frutas, insetos e alguns pequenos roedores.

Saiba mais: tem hábitos noturnos, apesar de poder ser observado durante o dia. Como método de defesa, pode se fingir de morto. A urina do gambá é muito conhecida por seu odor nada agradável.

Fotos: Guilherme Taboada Conrado e Antoninho Alves Portilho

MORCEGO-DE-CAUDA-GROSSA



Nome científico: *Molossus molossus* Família: Molossidae

O morcego-de-cauda-grossa ocorre do norte do México ao norte da Argentina e até o sul do Brasil e Uruguai. Habita ocos de árvores, casas abandonadas, buracos em barrancos e mais raramente locais antropizados. Alimenta-se de insetos, principalmente das ordens Lepidoptera, Coleoptera e Hymenoptera.

Saiba mais: no Rio Grande do Sul, a fêmea tem sua gestação no fim de agosto, nascendo os filhotes em novembro.

Foto: Moisés Teixeira Peixoto

Peixes



Foto: Aronômio Alves Portillo

A diversidade de peixes de um manancial hídrico reflete as condições ambientais dos ecossistemas aquáticos, evidenciando a qualidade da água e o equilíbrio entre fauna, flora e recursos ambientais. Enquanto alguns peixes são predadores, outros são presas na cadeia alimentar aquática, destacando-se o importante controle de insetos, como larvas de mosquitos da dengue, realizados através do constante processo de alimentação desses animais.

Dados do Catálogo das Espécies de Peixes de Água Doce do Brasil (UFRJ, 2007) registram a ocorrência de 2587 espécies de peixes de rios no Brasil. De acordo com BECKER (2011), na Bacia do Rio dos Sinos foram encontradas 101 espécies. O Centro Municipal de Estudos Ambientais de Sapiranga conta com afluentes hídricos e arroios no seu território, onde foram avistadas 8 espécies importantes de peixes, pertencentes a 6 famílias.

Nesta cartilha são descritas e destacadas em fotos 5 espécies pertencentes a 4 famílias: barrigudinho (*Phalloceros caudimaculatus*), cascudo (*Otothyris rostrata*), Cascudo-violinha-de-riacho (*Rineloricaria maquinensis*), muçum (*Synbranchus marmoratus*) e tuvira-tigre (*Gymnotus carapo*).

Família	Nome Científico	Nome Popular
Cichlidae	<i>Geophagus brasiliensis</i>	Cará
	<i>Geophagus facatum</i>	Cará
Erythrinidae	<i>Hoplias malabaricus</i>	Traira
Gymnotidae	<i>Gymnotus carapo</i>	Tuvira-tigre
Loricariidae	<i>Otothyris rostrata</i>	Cascudo
	<i>Rineloricaria maquinensis</i>	Cascudo-violinha-de-riacho
Poeciliidae	<i>Phalloceros caudimaculatus</i>	Barrigudinho
Synbranchidae	<i>Synbranchus marmoratus</i>	Muçum

BARRIGUDINHO



Nome científico: *Phalloceros caudimaculatus* **Família:** Poeciliidae

O barrigudinho é um peixe de pequeno porte, podendo chegar até 80 mm de comprimento, sendo a fêmea maior que o macho. Ocorre em praticamente toda a América do Sul, principalmente no Brasil, Argentina e Uruguai, onde habita banhados e pequenos arroios. A reprodução é vivípara. Alimenta-se de pequenos insetos aquáticos.

Saiba mais: utilizado no combate de larvas de mosquitos, principalmente a da dengue, pois os insetos são a base da sua alimentação.

Foto: Guilherme Taboada Conrado

CASCUDO



Nome científico: *Otathyris rastrata* **Família:** Loricariidae

O cascudo é um peixe de pequeno porte, podendo medir até 60 mm de comprimento. Ocorre desde a bacia da laguna dos Patos até rios costeiros do sul do Brasil. Vive em diferentes tipos de habitats, sendo mais comum em riachos. Caracteriza-se por ter atividade noturna. O corpo é revestido por placas ósseas e sua coloração varia de cinza claro a escuro com a região ventral mais clara apresentando manchas escuras esparsas. Não há dados precisos sobre sua reprodução. Alimenta-se de detritos de plantas, insetos e crustáceos.

Saiba mais: tolera ambientes aquáticos com baixos níveis de oxigênio.

Foto: Moisés Teixeira Peixoto

CASCUDO-VIOLINHA-DE-RIACHO



Nome científico: *Rineloricaria maquinensis* **Família:** Loricariidae

O cascudo-violinha-de-riacho é um peixe de pequeno porte, medindo entre 50 e 100 mm de comprimento. Tem ampla distribuição na bacia do Rio dos Sinos. Habita riachos rasos de pequeno e médio porte, com correnteza média a forte. É encontrado entre pedras. Tem o corpo achatado, dorso ventral e alongado, coberto por placas ósseas, sendo marrom claro a escuro com cinco bandas escuras sobre o dorso. É ovíparo e sua característica alimentar é detritívora.

Saiba mais: o macho costuma defender os ovos no ninho até a fase juvenil. Tem um focinho pontudo com uma área nua arredondada sem odontódeas.

Foto: Moisés Teixeira Peixoto

MUÇUM



Nome científico: *Synbranchus marmoratus* **Família:** Synbranchidae

O muçum é um peixe que pode medir até 350 mm de comprimento. É encontrado desde o sul do México até o norte da Argentina e costuma habitar áreas de remanso próximo de riachos, rios e lagoas. Seu período reprodutivo ocorre entre junho e setembro. Alimenta-se de pequenos peixes e invertebrados aquáticos.

Saiba mais: comum na Bacia do Rio dos Sinos. Também é popularmente chamado de cobra-d'água ou enguia-do-brejo.

Foto: Moisés Teixeira Peixoto

TUVIRA-TIGRE



Nome científico: *Gymnotus carapo* **Família:** Gymnotidae

A tuvira-tigre atinge até 250 mm de comprimento e ocorre em praticamente toda a América do Sul, sendo encontrada em quase todos os sistemas aquáticos. É um peixe diferente e facilmente reconhecido, pois não possui nadadeiras caudal, dorsal e pélvica, apenas uma nadadeira anal longa. O corpo é marrom claro com região ventral mais clara. O período reprodutivo estende-se de novembro a março. Alimenta-se de pequenos peixes.

Saiba mais: Pode se locomover para frente e para trás sem se virar. Emite pulsos elétricos para comunicação e captura de alimentos. Apresenta cuidado parental, em que os machos guardam os embriões na boca.

Foto: Moisés Teixeira Peixoto

Répteis



Os répteis são uma classe de vertebrados caracterizados por serem ectotérmicos e por terem pele coberta por escamas. Segundo UETZ (2008), existem cerca de 8734 espécies de répteis no mundo, sendo que 760 ocorrem no Brasil (SBH, 2014), estando divididas em quelônios (tartarugas e cágados), crocodilianos (jacarés e crocodilos) e escamados (lagartos, serpentes, etc). São encontrados em ambientes terrestres e aquáticos.

Observações e registros fotográficos têm sido realizados no CEMEAM desde 2009, demonstrando a riqueza de espécies existentes. Contudo, a partir de abril do corrente ano, os estudos se intensificaram e a equipe de profissionais do CEMEAM realizou buscas em locais que se caracterizavam como possíveis habitats de cobras, tartarugas e lagartos, como, por exemplo, açudes, banhados, vegetação densa, troncos de árvores podres, serrapilheira, etc. Além disso, foram produzidas armadilhas do tipo "sanduíche", que consistem em duas folhas de telha sobrepostas e, entre elas, folhas, galhos, capim, terra, etc; caracterizando um ambiente propício para o refúgio de répteis.

Como resultado, foram catalogadas um total de 13 espécies de répteis, distribuídas em 7 famílias. Para a construção desta cartilha, estão representadas em fotos 11 espécies pertencentes a 7 famílias: Cágado-cinza (*Phrynops hilarii*), Cobra-cipó-listrada (*Philodryas olfersii*), Cobra-d'água (*Helicops infrataeniatus*), Cobra-dormideira-cinzenta (*Sibynomorphus ventrimaculatus*), Cobra-papa-pinto (*Philodryas patagoniensis*), Cobra-verde (*Liophis poecilogyrus*), Cruzeira (*Rhinocerophis alternatus*), Jararaca (*Bothrops jararaca*), Lagarto-Teiú (*Tupinambis merianae*), Scinco-dourado (*Mabuya dorsivittata*) e Tartaruga-tigre-d'água (*Trachemys sp.*).

Família	Nome Científico	Nome Popular
Chelidae	<i>Hydromedusa tectifera</i>	Cágado-cabeça-de-cobra
	<i>Phrynops hilarii</i>	Cágado-cinza
Colubridae	<i>Helicops infrataeniatus</i>	Cobra-d'água
	<i>Liophis poecilogyrus</i>	Cobra-verde
Dipsadidae	<i>Philodryas olfersii</i>	Cobra-cipó-listrada
	<i>Sibynomorphus ventrimaculatus</i>	Cobra-dormideira-cinzenta
	<i>Philodryas patagoniensis</i>	Cobra-papa-pinto
	<i>Thamnodynastes hypoconia</i>	Corredeira
Emydidae	<i>Trachemys sp.</i>	Tartaruga-tigre-d'água
Scincidae	<i>Mabuya dorsivittata</i>	Scinco-dourado
Teiidae	<i>Tupinambis merianae</i>	Lagarto-teiú
Viperidae	<i>Rhinocerophis alternatus</i>	Cruzeira
	<i>Bothrops jararaca</i>	Jararaca

COBRA-VERDE OU COBRA-DE-LIXO

Nome científico: *Liophis poecilogyus*
Familia: Colubridae

A cobra-verde é uma serpente não peçonhenta de porte médio, que atinge 900 mm de comprimento. Ocorre em quase toda a América do Sul e habita áreas abertas, associadas a banhados, açudes, arroios e rios. É ativa principalmente durante o dia, sendo mais intensa no início da manhã e no final da tarde. É ovípara, havendo registros de desovas constituídas de 6 a 9 ovos. Alimenta-se de anfíbios, lagartos e peixes.

Saiba mais: quando ameaçada, costuma utilizar descargas cloacais para inibir o predador, causando-lhe mau estar, devido a liberação de fezes fétidas.

Foto: Moisés Teixeira Peixoto

CÁGADO-CINZA



Nome científico: *Phrynops hilarii* Família: Chelidae

O cágado-cinza é encontrado no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Pode viver até 40 anos, fazendo duas posturas de ovos por ano, uma entre fevereiro e maio e a outra entre setembro e dezembro. A postura consiste de 9 a 14 ovos, podendo alcançar até 32 ovos, cujo período de incubação é de aproximadamente 150 dias. Alimenta-se de peixes, aves, répteis, pequenos mamíferos e animais mortos.

Saiba mais: é o maior quelônio de água-doce do Rio Grande do Sul, podendo atingir até 40 centímetros de carapaça (casco).

Foto: Moisés Teixeira Peixoto

COBRA-CIPÓ LISTRADA



Nome científico: *Philodryas olfersii* Família: Dipsadidae

A cobra-cipó-listrada pode chegar até 1500 mm de comprimento. Possui ampla distribuição na América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo desde as Guianas até o Uruguai. A reprodução vai de setembro a novembro e a fêmea põe de 7 à 10 ovos, unidos entre si. Alimenta-se de pequenos roedores, aves, anuros e lagartos.

Saiba mais: para se defender costuma fugir rapidamente pelo chão ou sobre a vegetação, porém, quando acuada ou capturada, morde com extrema agilidade inoculando veneno. Na imagem, destaque para o capuz marrom e a faixa preta lateral ao olho característico da espécie.

Foto: Antoninha Alves Partilha

COBRA-D'ÁGUA



Nome científico: *Helicops infrataeniatus* Família: Colubridae

A cobra-d'água é uma serpente aquática não peçonhenta, podendo medir até 1000 mm de comprimento. É encontrada no sul do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. Apresenta atividade reprodutiva geralmente no verão, sendo uma espécie vivípara e suas ninhadas apresentam de 5 a 20 filhotes. Alimenta-se principalmente de peixes e anfíbios como rãs e pererecas.

Saiba mais: é muito agressiva, podendo morder repetidas vezes quando manuseada. Possui hábitos diurnos e noturnos. Algumas aves, como a coruja-buraqueira, podem se alimentar desta serpente.

Foto: Luciano da Silva Hoack

COBRA-DORMIDEIRA-CINZENTA



Nome científico: *Sibynomorphus ventrimaculatus* **Família:** Dipsadidae

A cobra-dormideira-cinza é uma espécie não peçonhenta. Seu tamanho pode chegar até 650 mm de comprimento. Ocorre no Rio Grande do Sul, leste do Paraná, sul de São Paulo, Mato Grosso do Sul e na Argentina. No período reprodutivo, costuma colocar de 5 a 10 ovos. Alimenta-se principalmente de moluscos.

Saiba mais: o comportamento defensivo consiste em expelir conteúdo cloacal. Apresenta hábito noturno e costuma viver em alagados, banhados e até mesmo em áreas úmidas na zona urbana.

Foto: Guilherme Taboada Conrado

COBRA-PAPA-PINTO OU PARRELHEIRA-COMUM



Nome científico: *Philodryas patagoniensis* **Família:** Dipsadidae

A papa-pinto é uma cobra não peçonhenta de grande porte, podendo atingir até 1500 mm de comprimento. Ocorre na América do Sul, em países como Brasil, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina, aparecendo em áreas abertas e florestadas. É ovípara, chegando a colocar até 30 ovos. Pode colocar os ovos em formigueiros, numa profundidade de até 30 cm. Alimenta-se de anfíbios, aves, pequenos mamíferos e outras serpentes.

Saiba mais: Avistada em granjas e aviários, na procura de pequenas aves para alimentação, daí o nome "papa-pinto". É diurna e costuma atacar quando ameaçada.

Foto: Antoninho Alves Partilha

CRUZEIRA OU URUTU



Nome científico: *Rhinocerophis alternatus* **Família:** Viperidae

A cruzeira é uma serpente peçonhenta de grande porte, podendo atingir 1700 mm de comprimento. Ocorre no Centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. Ocupa geralmente áreas abertas e úmidas. É vivípara, tendo sido registradas ninhadas compostas de 5 a 25 filhotes que nascem entre fevereiro e abril. Quando ameaçada, enrosca-se, vibra a cauda e desfere bates. É altamente tóxica.

Saiba mais: cerca de 80% dos acidentes registrados no Rio Grande do Sul são por serpentes dos gêneros *Bathrops* e *Rhinocerophis*. O espécime da imagem foi encontrado morto na estrada de acesso ao CEMEAM.

Foto: Moisés Teixeira Peixoto

JARARACA



Nome científico: *Bothrops jararaca* **Família:** Viperidae

A jararaca é uma serpente peçonhenta de grande porte, podendo atingir até 1200 mm de comprimento. Apresenta ampla distribuição de Minas Gerais ao Uruguai e do sudoeste do Brasil até a Argentina. No Brasil está associada ao bioma de Mata Atlântica, contudo, é comumente avistada em ambientes antropizados. É vivípara, tendo ninhadas com 3 a 35 filhotes. Quando ameaçada, enrosca-se, vibra a cauda e desfere bates. É altamente tóxica.

Saiba mais: não consegue escutar o som que suas presas emitem quando elas caminham, porque é completamente surda, mas o calor que vem do corpo da presa é tão claro para a jararaca como um ruído é para nós, e serve para ela "ver" onde a presa está.

Foto: Moisés Teixeira Peixoto

LAGARTO-TEIÚ



Nome científico: *Tupinambis merianae* **Família:** Teiidae

O lagarto-teiú é o maior lagarto do sul do Brasil, ocorrendo também no Uruguai e norte da Argentina. Realiza uma desova por estação e a fêmea constrói o ninho para proteger os ovos. Alimenta-se de roedores, aves, serpentes, anuros, ovos e frutos.

Saiba mais: importante dispersor de sementes e quando se sente ameaçado, pode morder e desferir golpes com a cauda.

Foto: Antoninho Alves Fortilho

SCINCO-DOURADO



Nome científico: *Mabuya dorsivittata* **Família:** Scincidae

O scinco-dourado é um animal de pequeno porte, que atinge cerca de 80 mm de comprimento. É encontrado na Bolívia, Uruguai, Paraguai, Argentina, sudeste e sul do Brasil. Apresenta hábitos diurnos, porém, pode ser observado em atividade no período crepuscular. Sua coloração dorsal é castanho-dourado, com um padrão de faixas brancas e pretas na lateral do corpo. Alimenta-se de insetos.

Saiba mais: sua cauda é longa e pode ser, duas vezes e meia, maior que o restante do corpo. Quando ameaçado, a cauda pode ser partida facilmente, agilizando a fuga diante de predadores.

Foto: Moisés Teixeira Peixoto

TARTARUGA-TIGRE-D'ÁGUA



Nome científico: *Trachemys* sp. **Família:** Emydidae

A tartaruga-tigre-d'água é encontrada em zonas de pântanos, banhados, lagos, riachos e rios do Rio Grande do Sul. Vive em média 30 anos. Desova entre 1 e 18 ovos por postura, os quais têm um período de incubação de 60 a 120 dias. É onívora e se alimenta de invertebrados aquáticos, girinos, peixes, pequenos frutos, folhas e alguns vegetais.


Saiba mais: seu nome deve-se ao padrão colorido em listras amarelas e alaranjadas que lembram as listras de um tigre.

Foto: Luciano da Silva Haack



Glossário

- Acasalar:** etapa da reprodução entre macho e fêmea. Cruzamento.
- Açude:** corpo d'água com espaço limitado, semelhante a uma piscina natural.
- Acúleos:** parte da planta semelhante a espinhos. Não é um espinho verdadeiro.
- Amplexo:** também chamado de "abraço nupcial", consiste numa etapa do acasalamento dos anfíbios, caracterizada pelo macho ficar sobre a fêmea, enquanto acontece a postura dos ovos.
- Antrópica:** ação causada pelo ser humano em determinada área.
- Apícola:** no que se refere a atração de abelhas.
- Aprisco:** local onde as ovelhas ficam abrigadas.
- Arbusto:** pequena árvore, com muitos galhos desde o tronco.
- Área degradada:** área que sofreu danos, desgastes.
- Bacia hidrográfica:** conjunto de terras banhadas por um rio principal e seus afluentes.
- Banhados:** terras baixas, alagadiças e cobertas por vegetação, caracterizadas pela alta umidade.
- Bifurcada:** dividida em dois, com forma de "Y".
- Biodiversidade:** variedade de tipos e quantidades de espécies animais, vegetais e microorganismos existentes em um determinado espaço.
- Bioma:** conjunto de características naturais que identificam uma região. Ex: mata atlântica, Amazônia.
- Brejosos:** ambiente semelhante ao banhado, caracterizado por apresentar plantas arbustivas.
- Campestre:** referente a áreas de campo.
- Camuflar:** ato de disfarçar-se.
- Características anatômicas:** características físicas de um ser vivo.
- Características morfológicas:** características relativas à forma do corpo ou da estrutura de um ser vivo.
- Carnívoro:** ser vivo cuja base alimentar é um animal.
- Celulose:** material encontrado dentro das células vegetais, utilizado principalmente para fabricação de papel.
- Compêndio:** lista com informações, inventário.
- Condimento:** que serve como tempero.
- Conteúdo cloacal:** conteúdo presente na cloaca (local de saída do ovo, fezes, urina e células reprodutivas) das aves e de alguns répteis.
- Cordões gelatinosos:** substância gosmenta expelida pelo sapo para "grudar" os ovos.
- Cosmopolita:** ser vivo com distribuição em todos os sistemas da natureza.
- Cuidado parental:** quando o macho e/ou a fêmea cuidam dos filhotes após o nascimento, até eles conseguirem se desenvolver.
- Desovar:** expelir/colocar/pôr ovos.
- Detritos:** pequenos pedaços de animais, plantas, etc.
- Dimorfismo sexual:** quando existe diferença entre o macho e a fêmea dentro da mesma espécie.
- Dioica:** as células reprodutivas femininas estão na fêmea e as células reprodutivas masculinas estão no macho.
- Dispersão:** ação ou efeito de dispersar, espalhar, esparramar.
- Dizimada:** destruída, exterminada.
- Ecossistema:** unidade natural, formada por componentes vivos e não vivos, que trocam energia e matéria entre si.
- Ectotérmicos:** animais que não conseguem manter sua temperatura corporal, dependendo das condições ambientais.
- Endêmica:** própria de uma região ou população.
- Epífitas:** plantas que vivem sobre outras sem causar prejuízos.
- Esbelta:** magra e elegante.
- Espécie exótica:** espécie animal ou vegetal que se instalam em locais onde não são naturalmente encontrados.
- Espécie nativa:** espécie própria de um ecossistema ou de uma determinada região.
- Esporões:** estrutura localizada na pata de alguns machos de aves.
- Expelir:** colocar para fora do corpo.
- Extinção:** desaparecimento total de uma espécie.
- Fauna:** conjunto de espécies de animais.
- Fétida:** caracterizada por apresentar mau cheiro.
- Fitoecológico:** região caracterizada por certas espécies vegetais.
- Flora:** conjunto de espécies de vegetais.
- Floresta secundária:** floresta regenerada após uma grande perturbação natural ou não.
- Floresta estacional semidecidual:** vegetação condicionada pela dupla estacionalidade climática.
- Generalista:** ser vivo especializado em alimentar-se de várias coisas diferentes.
- Gorjeios:** ato de cantar.
- Habitat:** local físico na natureza onde o organismo vive.
- Harmônica:** relação entre espécies onde não há prejuízo para ambas.
- Herbáceas:** planta pequena, rasteira



In natura: ao natural.

Incubar: processo de chocar os ovos.

Inocular: aplicar o veneno.

Interespecífica: relação ecológica entre espécies diferentes.

Intraocular: dentro do olho.

Manancial: fonte de água abundante.

Marsupial: mamíferos cujo a fêmea apresenta uma bolsa abdominal onde os filhotes se desenvolvem.

Melífera: flor utilizada pela abelha para a produção do mel.

Migratório: ser vivo que se desloca por vários ambientes e quilômetros durante a sua vida.

Nascente: vertentes onde se inicia o curso de água. Geralmente ocorrem em encostas e morros.

Nematóides: tipo de verme parasita.

Nidificar: construir ninho.

Nômade: ser vivo que troca de moradia seguidamente.

Odontódeos: estruturas rígidas encontradas sobre a pele de alguns animais, semelhantes a dentes.

Onívoro: ser vivo que se nutre com diversos tipos de alimentos.

Oportunista: espécie que aproveita uma situação ou circunstância para obter vantagem para si.

Ornamental: utilizado para decorar, enfeitar.

Ovípara: tipo de reprodução de animais, em que o filhote se desenvolve dentro de um ovo, fora do corpo da mãe.

Parasita: ser vivo que vive à custa de outro.

Peçonhenta(o): que aplica o veneno através da mordida.

Pele granulosa: pele que não é lisa, aparentando ter verrugas.

Período crepuscular: tempo de duração da claridade, antes de se firmar o dia ou a noite.

Pernalta: animal com pernas longas.

Pioneira: primeira espécie que costuma aparecer em um ambiente.

Postura: ato de colocar os ovos.

Predador: animal que caça e se alimenta de outros animais.

Presa: animal que é caçado pelo predador.

Reflorestamentos: ação ou efeito de replantar árvores em lugar onde já houve florestas.

Relação ecológica: relações dos seres vivos entre si e com o meio ambiente.

Remanso: água de rio ou riacho que se movimenta vagarosamente.

Reprodução: refere-se a procriação de indivíduos da mesma espécie.

Sazonais: característica de um evento que ocorre sempre em determinadas estações.

Semissocial: espécie moderadamente dócil.

Semiurbano: espécie que pode ser encontrada em áreas urbanas e áreas de florestas.

Serrapilheira: camada de folhas, galhos e compostos orgânicos que acumulam-se sob florestas.

Silvestre: animal que vive na selva.

Silvicultura: exploração de florestas.

Socioambiental: referente a políticas que envolvam a sociedade e o meio ambiente.

Submerso: em baixo d'água.

Sustentabilidade: manejo do ambiente e seus recursos de modo que seu uso possa ser contínuo, sem diminuição futura.

Tamborilar: produzir som semelhante ao tambor.

Territorialista: espécie que domina e defende o seu espaço.

Topete eriçado: jeito arrepiado das penas da cabeça de uma ave.

Transplante: arrancar uma planta de um lugar e plantar em outro.

Vestigios: marcas deixadas pelo animal, como pegadas, fezes, etc.

Vivípara: tipo de reprodução em que o filhote desenvolve-se dentro do corpo da mãe, numa estrutura chamada placenta.

Vocalização: emissão de sons da voz, falados ou cantados.

Referências Bibliográficas

- BACKES, P. *Árvores do Sul: Guia de Identificação & Interesse Ecológico. As principais espécies nativas sul – brasileiras*. Porto Alegre: Instituto Souza Cruz, 2002. 326p.
- BECKER Jr, C. *Almanaque do Rio dos Sinos*. Novo Hamburgo: Grupo Editorial Sinos, 2011. 89p.
- BENCKE, G. A.; JARDIM, M. M. A.; BORGES-MARTINS, M. & ZANK, C. Composição e padrões de distribuição da fauna de tetrápodes recentes do Rio Grande do Sul, Brasil. In: RIBEIRO, A. M.; BAUERMANN, S. G. & SCHERER, C. S. (Org.). *Quaternário do Rio Grande do Sul: integrando conhecimentos*. 1. ed. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2009. p. 123-142.
- BORGES-MARTINS, M.; COLOMBO, P.; ZANK, C.; BECKER, F. G. & MELO, M. T. Q. Anfíbios. In: BECKER, F. G.; RAMOS, R. A. & MOURA, L. A. (Org.). *Biodiversidade: regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazaís de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2007. p. 276-291.
- BORGES-MARTINS, M.; ALVES, M. L. M.; ARAUJO, M. L. de; OLIVEIRA, R. B. de & ANÉS, A. C. Répteis. In: BECKER, F. G.; RAMOS, R. A. & MOURA, L. A. (Org.). *Biodiversidade: Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazaís de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2007. p. 292-315.
- BRAGA, F. G. Mamíferos dos Campos Gerais. In: MELO, M. S. de; MORO, R. S. & GUIMARÃES, G. B. (Org.). *Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná*. 1. ed. Ponta Grossa: UEPG, 2007. p. 123-133.
- COLOMBO, P. & ZANK, C. Anfíbios. In: BOND-BUCKUP, G. (Org.). *Biodiversidade dos Campos de Cima da Serra*. 1. ed. Porto Alegre: Libretos, 2008. v.1. p.104-111.
- DEIQUES, C. H.; STAHNKE, L. F.; REINKE, M. & SCHMITT, P. *Guia Ilustrado Anfíbios e Répteis do Parque Nacional de Aparados da Serra*. Pelotas: USEB, 2007. 120p.
- EREZ, F. C.; SHIBATTA, O. A.; PEREIRA, E. H. L. & OYAKAWA, O. T. Two new species of *Isbrueckerichthys* Derijst, 1996 (Siluriformes: Loricariidae) from rio Paranapanema basin, Brazil. v.1372. *Zootaxa* (Online), 2006. p.53-68.
- FROST, D. R. 2009. *Amphibian species of the world: an online reference*. Version 5.3 (12 February, 2009). New York, American Museum of Natural History.
- GIBBONS, J.; SCOTT, D.; RYAN, T.; BUHLMANN, K.; TUBERVILLE, T.; METTS, B.; GREENE, J.; MILLS, T.; LEIDEN, Y.; POPPY, S. & WINNE, R. The global decline of reptiles, déjàvu amphibians. *BioScience* 50: 2000. p.653-666.
- HADDAD, C. F. B.; TOLEDO, L. F.; PRADO, C. P. A.; LOEBMANN, D.; GASPARINI, J. L. & SAZIMA, I. *Guia de Anfíbios da Mata Atlântica: diversidade de biologia*. São Paulo: Ano 1, 2013. 544p.
- HEYER, R. W.; RAND, A. S.; CRUZ, C. A. G. & PEIXOTO, O. L. Decimations, extinctions and colonizations of frogs populations in Southeast Brazil and their evolutionary implications. *Biotropica*. v. 20, 1988. p.230-235.
- LORENZI, H. *Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. 5.ed. São Paulo: Nova Odessa, 2008. v. 1. 384p.
- LORENZI, H. *Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Nova Odessa, 2002. v. 2. 384p.
- LORENZI, H. *Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. 4.ed. São Paulo: Nova Odessa, 2002. v. 1. 384p.
- LORENZI, H. *Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas*. São Paulo: Nova Odessa, 2002. 544p.
- MARQUES, O. A. V.; ETEROVIC, A. & SAZIMA, I. *Serpentes da Mata Atlântica – Guia Ilustrado para a Serra do Mar*. Ribeirão Preto: Ed. Holos, 2001. 184p.
- MARTINS, M. & MOLINA, F. B. Panorama geral dos répteis ameaçados do Brasil. In: MACHADO, A. B. M.; DRUMMOND, G. M. & PAGLIA, A. P. *Livro vermelho da fauna Brasileira ameaçada de extinção*. MMA, Brasília, Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte. 2008. p.327-334.

NAROSKY, T. & YZURETA, D. *Guía para la identificación: aves de Argentina y Uruguay*. 15. ed. Buenos Aires: Vazquez Mazzini, 2006. 346p.

OBERHERR, A. D. *Vegetação e flora do Centro Municipal de Estudos Ambientais no município de Sapiranga – RS*. 2007. 69 f. *Trabalho de Conclusão do curso de Biologia – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo*. 2007.

POUGH, F. H.; ANDREWS, R. M.; CADLE, J. E.; CRUMP, M. L.; SAVITZKY, A. H. & WELLS, K. D. *Herpetology*. 3rd ed. New Jersey, Pearson, Prentice Hall. 2004. 577p.

REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A. & LIMA, I. P. *Mamíferos do Brasil*. 2.ed. Londrina: N. R. Reis, 2011. 439p.

SIGRIST, T. *Guia de campo Avis Brasilis: avifauna brasileira*. 3.ed. São Paulo: Avis Brasilis, 2013. 592p.

VITT, L. J. & CALDWELL, J. P. *Reproductive Modes in Herpetology: an introductory biology of amphibians and reptiles*. 3.ed. Elsevier, 2009. p.155-159.

WILSON, D. E. & REEDER, D. *Mammal species of the world: a taxonomic and geographic reference*. 3.ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2005. 2142 p.

Sites Consultados

COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS – Disponível em: <<http://www.cbro.org.br/>>. Acesso em: 02 de out. 2015.

FLORA DIGITAL DO RIO GRANDE DO SUL - Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fitoecologia/florars/>>. Acesso em: 10 de set. 2015.

HERPETOLOGIA UFRGS: laboratório de herpetologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/herpetologia>>. Acesso em: 17 de set. 2015.

LISTA DE AMPHIBIAN SPECIES OF THE WORLD 6.0, AN ONLINE REFERENCE (AMERICAN MUSEUM OF NATURAL HISTORY) - Disponível em: <<http://research.amnh.org/vz/herpetology/amphibia/?action=names&taxon=Scinax+granulatus>>. Acesso em: 24 de set. 2015.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA): livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção - Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=179&idConteudo=8122>>. Acesso em: 10 de set. 2015.

POMBAL, HADDAD & KASAHARA. Dados sobre a espécie *Scinax perereca* (Perereca-de-banheiro) - Disponível em: <http://www.kwet.de/album.php?species=Scinax+perereca&welt=album&land=santa_catarina®ion=santa_catarina>. Acesso em: 03 de set. 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HERPETOLOGIA: lista de espécies de anfíbios do Brasil - Disponível em: <<http://www.sbherpetologia.org.br/index.php/anfibios>>. Acesso em: 17 de set. 2015.

UETZ, P. How many species?. In: UETZ, P. & HALLERMAN, J. *Tirg reptile database*. 2008. Disponível em: <<http://www.reptile-database.org/db-info/speciesStat.html>>. Acesso em: 24 de set. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *Catálogo das espécies de peixes de água doce do Brasil* - Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/276027720_Buckup_et_al_2007-PAB>. Acesso em: 30 de set. 2015.

WIKIAVES - Disponível em: <<http://www.wikiaves.com.br/>>. Acesso em: ao longo de 2014 e 2015.

Legislação

Lei da Área de Proteção Ambiental nº 6.902 de 1981.

Lei que criou as "Estações Ecológicas", áreas representativas de ecossistemas brasileiros, sendo que 90 % delas devem permanecer intocadas e 10 % podem sofrer alterações para fins científicos. Foram criadas também as "Áreas de Proteção Ambiental" ou APAS, áreas que podem conter propriedades privadas e onde o poder público limita as atividades econômicas para fins de proteção ambiental.

Lei da Educação Ambiental nº 9.795 de 1999.

Dispõe sobre a educação ambiental, institui Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

Lei de Crimes Ambientais nº 9.605 de 1998.

Reordena a legislação ambiental brasileira no que se refere às infrações e punições. A pessoa jurídica, autora ou co-autora da infração ambiental, pode ser penalizada, chegando à liquidação da empresa, se ela tiver sido criada ou usada para facilitar ou ocultar um crime ambiental. A punição pode ser extinta caso se comprove a recuperação do dano ambiental.

Lei das Florestas / Código Florestal nº 4.771 de 1965.

Determina a proteção de florestas nativas e define como áreas de preservação permanente (onde a conservação da vegetação é obrigatória) uma faixa de 30 a 500 metros nas margens dos rios, de lagos e de reservatórios, além de topos de morro, encostas com declividade superior a 45 graus e locais acima de 1.800 metros de altitude. Também exige que propriedades rurais preservem um percentual de cobertura arbórea, devendo tal reserva ser averbada em cartório de registro de imóveis.

Lei do Parcelamento do Solo Urbano nº 6.766 de 1979.

Estabelece as regras para loteamentos urbanos, proibidos em áreas de preservação ecológicas, naquelas onde a poluição representa perigo à saúde e em terrenos alagadiços.

Lei da Política Nacional do Meio Ambiente nº 6.938 de 1981.

É a lei ambiental mais importante e define que o poluidor é obrigado a indenizar danos ambientais que causar, independentemente da culpa. O Ministério Público pode propor ações de responsabilidade civil por danos ao meio ambiente, impondo ao poluidor a obrigação de recuperar e/ou indenizar prejuízos causados. Essa lei criou a obrigatoriedade dos estudos e respectivos relatórios de Impacto Ambiental (EIA-RIMA).

Lei de Recursos Hídricos nº 9.433 de 1997.

Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos e cria o Sistema Nacional de Recursos Hídricos. Define a água como recurso natural limitado, dotado de valor econômico, que pode ter usos múltiplos (consumo humano, produção de energia, transporte, lançamento de esgotos). A lei prevê também a criação do Sistema Nacional de Informação sobre Recursos Hídricos para a coleta, tratamento, armazenamento e recuperação de informações sobre recursos hídricos e fatores intervenientes em sua gestão.

Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SUNC) - Lei Nº 9.985 de 2000.

Definiu critérios e normas para a criação e funcionamento das Unidades de Conservação Ambiental.

Lei de Proteção à Fauna Silvestre nº 5.197 de 1967.

Dispõe sobre a proteção à fauna. Estabelece que os animais de quaisquer espécies, em qualquer fase do seu desenvolvimento e que vivem naturalmente fora do cativeiro, constituindo a fauna silvestre, bem como seus ninhos, abrigos e criadouros naturais são propriedades do Estado, sendo proibida a sua utilização, perseguição, destruição, caça ou apanha (art. 1º); e que nenhuma espécie poderá ser introduzida no País, sem parecer técnico oficial favorável e sem licença expedida na forma da lei (art. 4º).

Considerações Finais

Esta cartilha é o resultado das pesquisas e trabalhos feitos ao longo dos dez anos de existência do Centro Municipal de Estudos Ambientais de Saporanga. A presente obra objetiva registrar a diversidade de organismos vivos nos limites da instituição, com informações consistentes acerca da fauna e flora arbórea locais.

O levantamento e registro das espécies decorreu do envolvimento de profissionais capacitados e constantes pesquisas, resultando neste material rico em informações sobre a integridade biológica de uma área conservada em plena zona urbana do município de Saporanga.

O trabalho de pesquisa envolveu diretamente a equipe de biólogos do CEMEAM e graduandos em Biologia da Unisinos e da Feevale e, indiretamente, profissionais do Departamento de Meio Ambiente e da Secretaria de Educação, contando ainda com o apoio de mestres e doutores das Universidades citadas.

A cartilha apresenta um total de 141 espécies animais e 80 vegetais, pertencentes a 64 e 35 famílias, respectivamente, que compõem a biodiversidade do Centro Ambiental de Saporanga, encontradas na área de 9,6 hectares, em ecossistemas terrestres e aquáticos.

Foram evidenciadas em fotos, um total de 104 espécies, sendo 36 de árvores e arbustos, 10 de anfíbios, 38 de aves, 4 de mamíferos, 5 de peixes e 11 de répteis, pertencentes a 66 famílias. As formas de observação foram: método de busca ativa, observação direta de indivíduos e/ou vestígios, registro fotográfico, encontros ao acaso, armadilhas de interceptação e queda ("pitfall") e anotações esporádicas. Foram feitas coletas diurnas e noturnas.

Esse compêndio é parte integrante do Projeto VerdeSinos que, pelo patrocínio da Petrobras através do Programa Petrobras Socioambiental, possibilitou a concretização e publicação desse material, o qual serve para instrumentalizar professores, estudantes e interessados, melhorando indiretamente o processo educativo no que tange as questões da natureza, além de incentivar o desenvolvimento sustentável, conservacionista e socioambiental.

A elaboração desse material é uma conquista em nível científico e educacional para a instituição Centro Municipal de Estudos Ambientais, contribuindo para o enriquecimento dos saberes sobre a biodiversidade local e expandindo o conhecimento para o público escolar e comunidade.



CEMEAM - Centro Municipal de Estudos Ambientais de Sapiranga
Rua São Jacó, 2741, Bairro Ferrabraz, Sapiranga/RS
Fone: (51) 3959.1007 e (51) 9707.5064

Realização:



Execução:



UNISINOS

Fundepe

Patrocínio:



PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA